



**Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais**

**Mestrado em Psicologia**

Área de especialização | Psicologia da Educação

Dissertação

**Adoção e educação de crianças por parte de casais  
homossexuais. Um estudo sobre opiniões de estudantes de  
Ensino Superior**

Cláudia Sofia Afonso Simões

Orientador(es) | Madalena Melo

Évora 2022

---

---

---

---



**Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais**

**Mestrado em Psicologia**

Área de especialização | Psicologia da Educação

Dissertação

**Adoção e educação de crianças por parte de casais  
homossexuais. Um estudo sobre opiniões de estudantes de  
Ensino Superior**

Cláudia Sofia Afonso Simões

Orientador(es) | Madalena Melo

Évora 2022

---

---

---

---



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Maria Luísa Grácio (Universidade de Évora)

Vogais | Jorge Júlio de Carvalho Valadas Gato (Universidade do Porto - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação) (Arguente)  
Madalena Melo (Universidade de Évora) (Orientador)

## I. Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais, por todo o apoio que me têm dado, por me deixarem sempre escolher o meu caminho estando perto ou longe de casa, e por respeitarem sempre o meu tempo. Agradeço também ao resto da minha família, pelo seu amor incondicional, mas especialmente ao Tomás, por me fazer querer ser sempre uma pessoa melhor.

De seguida, agradeço à professora Madalena, por nunca ter desistido de mim e por todo o seu auxílio na tarefa árdua que foi terminar esta etapa! Obrigada por todo o tempo, paciência e conhecimento que me transmitiu durante estes anos.

Gostaria também de agradecer a todos/as os/as estudantes que deram o seu contributo para que este projeto se realizasse. Sem a sua disponibilidade não teria sido possível!

Por fim, quero agradecer a todas as minhas pessoas: as que Évora me deu e também as mais antigas, da minha terra natal, por me terem dado sempre mais um pouco de motivação e por serem os/as melhores/as amigos/as que poderia ter. Agradeço especialmente à Margarida, que teve sempre uma solução para me dar e um artigo novo para eu ler. À Inês e à Maria, que são uma constante tão positiva na minha vida! À Patrícia, pela sua energia contagiante e os seus conselhos. À Catarina, por apesar de estar sempre com a sua vida a mil à hora, nunca se esquecer de mim. À Bea e à Daniela, por me lembrarem do que foi Évora para mim, um poço de conhecimento, crescimento pessoal e amizade.

A todos/as vós estou eternamente agradecida!

## II. Resumo

Este estudo tem como principal objetivo compreender quais as atitudes de estudantes universitários/as da Universidade de Évora para com a parentalidade e adoção por casais do mesmo género. Para a sua concretização foi utilizado o *Questionário de Opiniões sobre Adoção e Educação por Casais do Mesmo Género*, o *Questionário de Opiniões sobre Papéis de Género na Parentalidade*, o *Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual*, o *Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina* e o *Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina*. O estudo contou com uma amostra não representativa de conveniência, com 311 estudantes das diferentes Escolas da Universidade de Évora. Os resultados indicam que a maioria dos/as participantes concorda totalmente com a adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género. Ainda assim, verificou-se a existência de discriminação direcionada à população homossexual, maioritariamente por estudantes com mais do que 30 anos, homens, heterossexuais, com ideias políticas mais à direita e/ou estudantes que não são nada próximos de homossexuais.

**Palavras-chave:** Homoparentalidade; Educação; Adoção; Homossexualidade; Papéis de Género; Preconceito; Discriminação.

### III. Abstract

The main objective of this study is to understand the attitudes of the students at the University of Évora towards parenting and adoption by same-sex couples. For its implementation, several instruments were used: the *Questionnaire of Opinion on Adoption and Education*, *Questionnaire of Opinion on Gender Roles in Parenting*, *Questionnaire of Opinion on Sexual Orientation*, *Questionnaire of Opinion on Male Homosexuality* and *Questionnaire on Opinion on Female Homosexuality*. The study had a non-representative sample of convenience, with 311 students from the Schools of the University of Évora. The results indicate that most participants fully agree with the adoption and education of children by homosexual couples. Even so, there was the existence of discrimination directed at the homosexual population, mostly by students over 30 years old, men, heterosexuals, with political ideas more to the right and/or students who are nothing close to same-sex couples.

**Keywords:** Homoparentality; Education; Adoption; Homosexuality; Gender Roles; Prejudice; Discrimination.

## Índice

I. Agradecimentos.....	I
II. Resumo.....	II
III. Abstract .....	III
Índice.....	IV
Índice de Tabelas.....	VI
1. Introdução e Enquadramento Teórico .....	1
Género e Orientação Sexual.....	1
Estereótipo, Preconceito e Discriminação.....	2
Papéis de Género na Parentalidade .....	6
Homoparentalidade: adoção.....	9
2. Método .....	13
Objetivos específicos e questões de investigação .....	13
Participantes .....	15
Instrumentos.....	17
a. <i>Questionário Sociodemográfico</i> .....	18
b. <i>Questionário de Opiniões sobre Adoção e Educação por Casais do Mesmo Género – QOAE</i> .....	18
c. <i>Questionário de Opiniões sobre Papéis de Género na Parentalidade - QOPGP</i> .....	23
d. <i>Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual (QOOS), Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina (QOHM) e Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina (QOHF)</i> .....	26
Procedimentos .....	33
a. <i>Recolha de dados</i> .....	33
b. <i>Análise de dados</i> .....	33
3. Apresentação e Análise dos Resultados .....	35
Resposta às questões de investigação.....	35

1. Qual o grau de aceitação dos/as estudantes relativamente à adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género? .....	35
2. Existem diferenças na aceitação dos/as estudantes sobre a adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género de acordo com: 2.1. o seu género; 2.2. a sua orientação sexual; 2.3. a sua idade; 2.4. o seu nível de religiosidade; 2.5. a sua posição política; 2.6. o seu grau de proximidade com pessoas homossexuais? .....	36
3. Existem diferenças nas opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género, de acordo com: 3.1. o seu género; 3.2. a sua orientação sexual; 3.3. a sua idade; 3.4. o seu nível de religiosidade; 3.5. a sua posição política; 3.6. o seu grau de proximidade com pessoas homossexuais? .....	41
4. Existem diferenças nas opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade, de acordo com: 4.1. o seu género; 4.2. a sua orientação sexual; 4.3. a sua idade; 4.4. o seu nível de religiosidade; 4.5. a sua posição política; 4.6. o seu grau de proximidade com pessoas homossexuais? .....	46
5. Existem diferenças nas manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina, de acordo com: 5.1. o seu género; 5.2. a sua orientação sexual; 5.3. a sua idade; 5.4. o seu nível de religiosidade; 5.5. a sua posição política; 5.6. o seu grau de proximidade com pessoas homossexuais?.....	51
6. Existe relação entre as opiniões sobre adoção e educação de crianças por casais do mesmo género, sobre papéis de género na parentalidade e o preconceito manifestado face à orientação sexual, à homossexualidade masculina e feminina? .....	60
4. Discussão.....	64
5. Referências .....	69
6. Anexos.....	81
Anexo 1: Questionário de Atitudes Face à Adoção e Educação de Crianças por Casais do mesmo género .....	81
Atitudes Face à Adoção e Educação de Crianças por Casais do mesmo género.....	81

## Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (género, idade, orientação sexual) .....	16
Tabela 2. Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (região de residência fora do período de aulas, escola e ciclo de estudos) .....	16
Tabela 3. Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (posição religiosa, posição política, conhece pessoas homossexuais e grau de proximidade com pessoas homossexuais)...	17
Tabela 4. Estrutura Fatorial do Questionário de Opiniões sobre a Adoção e Educação por casais do mesmo género .....	21
Tabela 5. Estrutura Fatorial do Questionário de Opiniões sobre os Papéis de Género na Parentalidade .....	24
Tabela 6. Estrutura Fatorial do Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual .....	28
Tabela 7. Estrutura Fatorial do Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina .....	30
Tabela 8. Estrutura Fatorial do Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina .....	32
Tabela 9. Análise descritiva da opinião dos/as estudantes sobre adoção e educação por parte de casais do mesmo género.....	36
Tabela 10. Comparação de médias na aceitação da adoção e educação por casais do mesmo género em função do género (t-test).....	36
Tabela 11. Comparação de médias na aceitação da adoção e educação por casais do mesmo género em função da orientação sexual (t-test).....	37
Tabela 12. Comparação de médias na aceitação da adoção e educação por casais do mesmo género em função da idade (ANOVA).....	38
Tabela 13. Comparação de médias na aceitação da adoção e educação por parte de casais do mesmo género em função do nível de religiosidade (ANOVA) .....	38
Tabela 14. Comparação de médias na aceitação da adoção e educação por parte de casais do mesmo género em função da posição política (ANOVA).....	39
Tabela 15. Comparação de médias na aceitação da adoção e educação por casais do mesmo género em função da proximidade a pessoas homossexuais (ANOVA).....	40
Tabela 16. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género em função do género (t-test).....	41
Tabela 17. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género em função da orientação sexual (t-test).....	42

Tabela 18. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género em função da idade (ANOVA).....	43
Tabela 19. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género em função do nível de religiosidade (ANOVA)	44
Tabela 20. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género em função da posição política (ANOVA) .....	45
Tabela 21. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género em função do grau de proximidade a pessoas homossexuais (ANOVA) .....	46
Tabela 22. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade em função do género (t-test).....	47
Tabela 23. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade em função da orientação sexual (t-test) .....	47
Tabela 24. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade em função da idade (ANOVA).....	48
Tabela 25. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade em função do nível de religiosidade (ANOVA).....	49
Tabela 26. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade em função da posição política (ANOVA) .....	50
Tabela 27. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade em função da proximidade a pessoas homossexuais (ANOVA).....	51
Tabela 28. Comparação de médias das manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina em função do género (t-test).....	52
Tabela 29. Comparação de médias das manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina em função da orientação sexual (t-test).....	53
Tabela 30. Comparação de médias das manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina em função da idade (ANOVA).....	54
Tabela 31. Comparação de médias das manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina em função do nível de religiosidade (ANOVA).....	56

Tabela 32. Comparação de médias das manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina em função da posição política (ANOVA) .....	58
Tabela 33. Comparação de médias das manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina em função proximidade a pessoas homossexuais (ANOVA).....	60
Tabela 34. Coeficiente de Correlação de Pearson (r) entre os fatores de todos os questionários	63

## **1. Introdução e Enquadramento Teórico**

Excluindo estes últimos tempos marcados pela pandemia que está a trazer inúmeras mudanças económicas, estruturais e sociais em todo o mundo, e com isto também novas mudanças a nível familiar (Lebow, 2020), as famílias já têm vindo a sofrer várias alterações nas últimas décadas (Lück & Castrén, 2018). Esta transformação foi tornando cada vez mais árduo o processo de definir quais os critérios que determinadas pessoas deverão apresentar para se considerarem família, pois existe cada vez mais variedade de vivências familiares no que diz respeito ao nível interpessoal e intercultural (Lück & Castrén, 2018).

Assim, reconhecendo esta diversidade, Sampaio (2009) definiu família como sendo “um espaço emocional com práticas familiares (guarda, sustento, apoio, educação, afetividade, valores...), sem limites rígidos de residência, casamento ou orientação sexual dos cônjuges, no qual sobressai a preocupação com o cuidar dos seus membros” (p.1). Aqui, a preocupação e o cuidado estão em primeiro lugar, seja qual for o tipo de família (Sampaio, 2009).

É à luz desta definição que este estudo foi realizado e é aqui apresentado, começando com uma revisão de literatura com definições mais alargadas de género e orientação sexual, diferenciação entre estereótipo, preconceito e discriminação, impacto dos papéis de género na parentalidade e, por fim, a homoparentalidade, com foco na adoção em Portugal.

### **Género e Orientação Sexual**

São inúmeras as características que, num todo, constroem a identidade humana de cada indivíduo. Entre elas, encontra-se o género e a orientação sexual, constructos complexos e controversos, principalmente numa sociedade em que os homens têm mais poder do que as mulheres e as pessoas heterossexuais são mais bem vistas do que pessoas pertencentes a minorias sexuais (Cadinu & Galdi, 2012; Fasoli et al., 2018).

De acordo com a revisão elaborada por Afonso (2019), em Portugal, a homossexualidade começou a ser considerada um crime no ano de 1852, referida indiretamente no Código Penal, como sendo um crime contra a honestidade. No ano de 1910, com a Implementação da República, surge uma nova lei que refere a

homossexualidade como sendo “uma prática de vícios contra a natureza”. Com esta lei, e juntamente pela existência de outras leis punitivas, foram criadas instituições (e.g., Casa Correcional de Trabalho e Colónia Penal Agrícola) que visavam a reeducação moral, física e profissional dos/as indivíduos/as punidos/as (Cascais, 2016).

Para além de ser punível por lei, a homossexualidade começou também a ser vista como uma perversão (Afonso, 2019). Alguns médicos portugueses como Adelino Silva, Albano Santos e Egas Moniz acreditavam ser, então, uma doença e ditaram o seu diagnóstico, tratamento e cura (Moita, 2001).

Assim, ser homossexual em Portugal era, não só um crime punível por lei, como também se considerava ser uma doença que carecia de tratamento. Adicionalmente, em 1933, iniciou-se a Ditadura do Estado Novo, opressora em todos os aspetos e níveis, fazendo com que todos/as auto reprimissem partes importantes de si mesmos/as, sendo que para algumas pessoas, essa parte seria a sua orientação sexual (Afonso, 2019).

Depois do 25 de Abril de 1974, contrariamente ao que era esperado, a homossexualidade continuou a ser observada como sendo uma doença e/ou perversão. A associação ILGA-Portugal surge na década de 90 e com esta começaram a ser exigidos novos direitos, que apenas se começaram a conquistar a partir de 2001, com a aprovação da União de Facto entre casais LGBT, Medidas de proteção contra a discriminação no Código do Trabalho (2003), a alteração do Artigo 13º Princípio da Igualdade (2004), a revogação do artigo do Código Penal que estabelecia idades diferentes de consentimento e reconhecendo a violência doméstica e crimes de ódio com base na orientação sexual (2007), o casamento civil (2010), a adoção (2016), a procriação medicamente assistida (2016) e o regime de identidade de género (2017) (Afonso, 2019). Através das datas acima referidas, é perceptível que vários destes direitos foram conquistados muito recentemente, e que, portanto, ainda subsistem crenças religiosas, ético-morais, psicológicas, biológicas e psicossociais que influenciam a sociedade e a levam a acreditar que a homossexualidade não é moralmente aceitável ou tão aceitável quanto a heterossexualidade, e que as famílias homoparentais não são aptas para adotar (Lacerda et al., 2002).

### **Estereótipo, Preconceito e Discriminação**

De acordo com Falcão, Doise referiu em 1986 que o comportamento social é criado a partir dos processos psicológicos do indivíduo, que organiza a sua experiência

pessoal através de disposições internas (Falcão, 2004). Assim, e em concordância com Allport (Marques et al., 2017), o pensamento, ao ser expresso em categorias, poderá facilmente gerar preconceito pois resume uma grande variedade de pessoas, objetos e acontecimentos para economizar esforços na interpretação de novas informações.

Esta categorização advém da associação entre crenças e valores sociais, incluindo não só o conhecimento sobre os objetos, mas também o sentimento que está associado a eles devido aos valores que nos são socialmente transmitidos. Assim, foram criados diferentes conceitos para explicar este processo: o estereótipo liga-se à crença do indivíduo (i.e., componente cognitiva), o preconceito está ligado ao sentimento (i.e., componente emocional) e a discriminação interliga-se com o comportamento (i.e., componente comportamental) (Marques et al., 2017).

A crença, ou seja, o estereótipo, poderá ser passado pelos agentes de socialização (Marques et al., 2017), sendo assim crucial compreender os processos psicológicos, culturais e sociais que poderão estar por trás dos comportamentos discriminantes (Falcão, 2004).

Pettigrew e Meertens (1995) identificaram duas formas de preconceito: flagrante e subtil. A primeira caracteriza-se por ser direta e aberta, correspondendo à forma mais tradicional de preconceito, agora considerado inaceitável. A segunda já é caracterizada pela sua discrição, podendo passar despercebida e não sendo malvista como a primeira. Pereira (2004) observou que, no que toca à orientação sexual, pessoas com preconceitos subtis explicam a homossexualidade com base em causas psicossociais (i.e., não ser convidado/a para eventos sociais devido à sua orientação sexual), enquanto pessoas com preconceitos flagrantes utilizam explicações ético-morais e religiosas (i.e., ausência de moralidade, respeito e força espiritual para resistir às tentações).

De acordo com Nandal (2013), a discriminação poderá manifestar-se através de microagressões, que poderão ser subtis, inconscientes ou não intencionais. Encontram-se ao nível interpessoal quando são expressas individualmente, e ao nível organizacional, institucional e cultural quando existe uma desvalorização que leva à desigualdade (Sue, 2010).

As microagressões podem ser divididas em microataques, quando existem derrogações explícitas verbais e não-verbais (e.g., comportamento de evitamento e/ou ações discriminatórias), microinsultos quando existe rudez e insensibilidade para com o outro (e.g., dizer que uma mulher não é capaz de algo por ser mulher) e/ou e

microinvalidações, quando existe exclusão, negação da realidade de grupos oprimidos e/ou anulação (e.g., dizer que um indivíduo protesta demasiado sobre o racismo) (Sue, 2010). Este tipo de discriminação, sendo ambígua e de alguma forma incontrolável, torna-se pouco perceptível, mas não deixa de trazer consequências negativas para os alvos apesar de muitas vezes ser vista como inofensiva, tal como explicam Lui e Quezada (2019) na sua meta-análise. De facto, a microagressão tem sido considerada uma fonte de *stress* para minorias (Lui & Quezada, 2019). Alguns dos sentimentos gerados são aborrecimento e irritação e podem sobrecarregar os indivíduos psicologicamente, podendo assim gerar níveis emocionais mais negativos ao longo do tempo de exposição a estes insultos (Sue, 2010; Sutin et al., 2016).

O estigma sexual é um fenómeno cultural que desvaloriza qualquer comportamento não heterossexual, identidade, relacionamento ou comunidade (Herek, 2007, 2010), existindo assim independentemente das atitudes individuais dos sujeitos. Este manifesta-se ao nível institucional, devido à sua perpetuação com as instituições sociais e sistemas ideológicos, e a nível individual. Neste último nível, de acordo com Herek (2007), verificam-se três tipos de manifestações: estigma sexual aberto, sendo este caracterizado pelas expressões comportamentais abertas, pela utilização de ofensas verbais e/ou violência física; estigma percebido, caracterizando-se pelas expectativas acerca da possibilidade de ser alvo do estigma aberto, levando à utilização de estratégias para o evitar (e.g., ser homossexual e fingir ser heterossexual); e por último, o estigma internalizado que se caracteriza pela aceitação pessoal de que o estigma é aceitável e legítimo e faz parte do autoconceito da própria pessoa. Este poderá ser experienciado tanto pela minoria sexual, levando à homofobia, heterossexismo ou homonegatividade internalizados, como pela maioria heterossexual, levando ao preconceito sexual (Herek, 2007).

A homofobia internalizada poderá envolver sentimentos negativos sobre a própria homossexualidade (Herek, 2004; O'Brien, 2015), pois implica um conflito interno entre o que o indivíduo pensa que deve ser e o que é realmente. Remetendo para 1971, quando o conceito Homofobia foi utilizado pela primeira vez por Weinberg para descrever a aversão de carácter psicológico à homossexualidade, este era realmente entendido como um medo irracional que pessoas heterossexuais sentiam por pessoas homossexuais (Herek, 2004).

Posteriormente, verificou-se em estudos como o de Bernat et al. (2001) que as respostas emocionais negativas mais comuns, em vez do medo, foram a raiva e o nojo, levando assim ao aparecimento do conceito de heterossexismo, caracterizado pelas crenças/ideologias culturais que defendem que apenas a heterossexualidade é uma forma válida de sexualidade (Alden et al., 2005). Estas ideologias tornam a homossexualidade e as minorias sexuais desviantes, pecaminosas e ameaçadoras e levam a que exista uma suposição heterossexual na comunidade (i.e., todas as pessoas são à partida consideradas heterossexuais e comportamentos que não estejam de acordo com essa norma são considerados anormais e antinaturais) (Herek, 2010), e podendo dar início a ações de natureza violenta contra as minorias sexuais, como insultos, abuso físico e/ou assédio (O'Brien, 2015).

A homonegatividade caracteriza-se pelas crenças que se focam mais nas manifestações explícitas de minorias sexuais e não na sua identidade como minoria sexual, ou seja, na crença de que o comportamento das minorias sexuais leva à sua própria marginalização, e de que o preconceito e a discriminação são fenómenos do passado, logo estas minorias exigem mudanças sociais desnecessárias (e.g., é irrelevante realizar manifestações como o PRIDE) (Gato et al., 2011).

O preconceito sexual, estigma interiorizado por heterossexuais, define-se como sendo a hostilidade de indivíduos/as heterossexuais e as atitudes negativas direcionadas a indivíduos/as com base na sua orientação sexual (Gato et al., 2011).

Por fim, a heteronormatividade é a estrutura social que mantém representações heterossexuais nas várias facetas do quotidiano (i.e., livros, cinematografia, histórias infantis, música, publicidade, entre outras) (Macedo, 2018). As consequências da heteronormatividade são variadas: afasta, discrimina e estigmatiza todos e todas os/as que não se enquadram nesta norma (Macedo, 2018).

A título de exemplo, o estudo de Kamenov et al. (2019) mostrou que as famílias homossexuais que tenham crianças são vistas de forma negativa por pessoas que tenham ideias de género mais tradicionais, pois acreditam que todas as crianças necessitam de um modelo masculino e feminino para terem uma educação saudável.

Para combater o heterossexismo foram sendo criados grupos defensores dos direitos LGBTQI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, *Queer* e Intersexuais) que têm observado progressos e retrocessos ao longo dos tempos (Voss, 2018). As leis vão sendo feitas e desfeitas consoante a ideologia política do governo que rege em

determinados países (Chase, 2016). Em Portugal, como foi referido, até à data todas as pessoas podem casar e constituir família, independentemente da sua orientação sexual, mas em países com a Mauritânia, homossexuais são sentenciados com pena de prisão pela sua atividade sexual homossexual (European External Action Service, 2020).

Mesmo em países que constituem a União Europeia poderemos observar exemplos de leis heterossexistas, tal como a Hungria, que promulgou em 2001 uma lei que exclui a partilha de informação sobre orientação sexual aos jovens com menos de 18 anos de idade, sob o pretexto de proteger os direitos dos/as menores de idade e garantir que os seus pais e mães decidam como educá-los/as para a educação sexual (Diário de Notícias, 2021).

### **Papéis de Género na Parentalidade**

Atualmente existem duas visões contrapostas em relação ao papel do homem e da mulher. Quem tem uma visão tradicional crê que existem papéis estereotipados para ambos os sexos (Pavlou et al., 2008), sendo que o homem deve ser responsável pelo bem económico familiar, estando mais ligado ao trabalho profissional remunerado e a mulher deve ser responsável pela organização familiar em si, ligando-se mais ao trabalho doméstico e familiar (Somech & Drach-Zahavy, 2016). Esta ideia advém dos estereótipos de género que, atribuindo características e papéis sociais e culturais de acordo com o seu sexo biológico, criam uma barreira ao desenvolvimento da igualdade de género (Conselho da Europa, 2019; Hentschel et al., 2019).

De acordo com Koenig (2018) Fiske e Stevens referiram em 1993 que os estereótipos de género poderão ser descritivos quando abrangem as crenças sobre como os homens e mulheres agem, ou poderão ser prescritivos, quando abrangem as crenças sobre como estes/as devem agir. Os estereótipos de género prescritivos são positivos quando um determinado comportamento é mais encorajado a um dos sexos (e.g., as mulheres devem limpar a casa, mas os homens não precisam de o fazer) e são negativos quando um comportamento é indesejável a um dos sexos (e.g., as mulheres não devem sair sozinhas à noite, mas os homens não são mal vistos se o fizerem). Estas crenças não só criam uma grande interdependência para com homens e mulheres, sendo que nesta perspetiva cada um tem o seu papel na sociedade, sem exceder limites, mas também cria grandes expectativas para ambos os sexos (Koenig, 2018).

Os estereótipos de género estão diretamente ligados ao sexismo, sendo este qualquer atitude ou comportamento baseados no pressuposto de que alguém é inferior devido ao seu sexo biológico (Conselho da Europa, 2019). Esta ideia não parte apenas dos homens nem se liga somente ao trabalho laboral, pois algumas mulheres acreditam que os homens não têm competência (ou tanta competência quanto elas) para realizar tarefas domésticas e de parentalidade (Schoppe-Sullivan et al., 2004; Manzi, 2019), e alguns homens também acreditam que não têm proficiência na realização dessas tarefas, acabando por evitar concretizá-las (Ives, 2014).

Tal como existe a crença de que os homens não são tão eficientes a realizar tarefas domésticas, também em termos laborais se verifica a crença de que mulheres são menos eficazes em empregos caracterizados como “emprego de homem” (Manzi, 2019). Estas ideias preconcebidas são fruto das normas sociais que são impostas a nível individual, institucional e estrutural (Conselho da Europa, 2019), que introduzem muitas vezes a ideia de que a masculinidade é sinónimo de autonomia, produtividade e competitividade enquanto a feminidade se liga mais à expressividade, dependência e aos relacionamentos interpessoais (Favez & Frascarolo, 2019). Esta limitação de competências restringe não só os comportamentos e papéis das diferentes pessoas, como também as suas escolhas profissionais e até pessoais ao longo da sua vida (Favez & Frascarolo, 2019).

Ainda assim, alguns estudos referidos no trabalho de Senden et al. (2019), indicam que os traços associados a mulheres e homens são dinâmicos, logo, sujeitos a mudanças. A título de exemplo, no período de vigência do Estado Novo, a maioria das famílias portuguesas regia-se pela ideologia tradicional, pois o papel da mulher seria então ser mãe, doméstica e uma esposa obediente, enquanto o homem deveria ser chefe de família, com a responsabilidade de trabalhar para conseguir sustentar a família economicamente (Wall et al., 2016). Hoje, essa ideologia está a ser substituída por uma ideologia mais igualitária, pois a mulher já ocupa uma grande parte do mercado de trabalho, não dispondo do seu tempo como anteriormente dispunha para as funções domésticas e parentais (Matias et al., 2011). Quem possui uma visão igualitária acredita que o sexo biológico de uma pessoa não deve influenciar a perceção das suas capacidades, nem deve determinar os seus direitos, obrigações e/ou oportunidades (Beere et al., 1984). Citando Butler e Weed (2011):

Parents are jointly responsible for their children. Women have the same rights as well as the same duties as men. This principle applies to all— whether French or

foreigners. Women are not subjected to the authority of a husband, nor of a father or brother in order to (for instance) work, go out, or open a bank account (p. 152).

Assim, começaram a verificar-se mudanças ao nível da gestão de tempo do casal em relação às responsabilidades familiares, domésticas e profissionais (Perista, 2002), sendo que ambos devem ter igual papel nessas responsabilidades (Matias et al., 2011). Ainda assim, Portugal continua a ter trabalho doméstico feminizado, sendo que as mulheres continuam a despender mais tempo do que os homens a realizar tarefas dessa natureza (PORDATA, 2018).

Destacando a parentalidade, existe a perceção de que o homem tem tanta responsabilidade quanto a mulher no cuidado da criança, mas ainda assim subsiste a noção de que a mãe é mais apta para cuidar de um bebé e de organizar a vida familiar (Wall et al., 2016). De acordo com a revisão feita por Schoppe-Sullivan et al. (2013), continuam assim a ser as mulheres que maioritariamente prestam cuidados primários às crianças, apesar de os homens terem igualmente capacidade para fornecer os mesmos cuidados. Esta ideia remete para outra que afirma que a maternidade e paternidade implicam diferentes capacidades, estando ligadas a papéis estereotipados, vinculados ao sexo biológico (Gato & Fontaine, 2011), quando atividades de cuidado direto (e.g., alimentação, banho, vestir, deitar, transporte da criança à creche), atividades de cuidado indireto (e.g., preparar a refeição da criança, lavar a roupa, comprar brinquedos) e atividades lúdicas (e.g., brincar calmamente, brincar ativamente, ensinar novas capacidades, leitura) podem ser realizadas pela mãe e/ou pelo pai (Cronenwett et al., 1988).

É de salientar que as crianças também controlam e criam a sua própria identidade de género e são capazes de regular e construir regras sobre o "outro" género (Shaffer, 2009). Ainda assim, muitas vezes os/as cuidadores/as das crianças incutem a construção destes conceitos através das suas interações sociais (Massey, 2013), pois a família é uma grande fonte de socialização para a formação destas ideias (Somech & Drach-Zahavy, 2016; Khan & Sajjad, 2017). Os comportamentos das crianças que violam as normas de género muitas vezes dão origem a correções, ridicularizações, ou negação da identidade e poucas vezes dão origem à aceitação da expressão de género, principalmente quando se fala de rapazes (Macedo, 2018).

Desta forma, quando os/as jovens estão em contacto com contextos culturais e familiares onde as atitudes sociais são igualitárias ou a seguir esse rumo, as suas ideias e crenças tendem a ser formadas também nessa direção, pois os estereótipos de género vão sendo criados com base na observação dos comportamentos de quem os/as rodeia (Manzi, 2019).

### **Homoparentalidade: adoção**

De acordo com Gato e colegas, alguns estudos mostram que pessoas heterossexuais expressam mais vontade de ter crianças do que pessoas LBG. Ainda assim, dentro da comunidade LGB, são as mulheres lésbicas que expressam mais essa vontade (Gato et al., 2020). Em Portugal, a adoção e coadoção por parte de casais do mesmo género pode ser oficialmente realizada desde 2016, como foi descrito anteriormente. Ainda assim, de acordo com o Relatório de Adoção Nacional, Internacional e Apadrinhamento Civil, desde 2016 até ao ano de 2019, apenas oito casais do mesmo género concluíram o processo de adoção.

Quando se trata da adoção de uma criança, independentemente do tipo de família que quer adotar, existe um longo processo que se deve ter em conta (Pinderhughes & Brodzinsky, 2019). Muitas vezes este processo inicia-se ainda antes do nascimento da criança, apesar de existir um período depois do seu nascimento, em que o pai e/ou a mãe podem revogar o pedido (Goldberg & Allen, 2013). É constituído por uma avaliação de idoneidade, onde a entidade competente faz uma avaliação psicossocial do/a(s) candidato(s) ou candidata(s) em vários contextos, através de entrevistas e outros instrumentos de avaliação psicológica (Instituto de Segurança Social, 2019).

Ana Aresta (2021), vice-presidente da ILGA, refere que ainda existem vários entraves associados ao processo de adoção para além da sua morosidade. Estes passam pela desinformação sobre a realidade das vidas de pessoas LGBTI, pela discriminação e preconceito da população que tem ideia de que estes casais não têm as capacidades necessárias para serem bons pais e/ou boas mães (Gato & Fontaine, 2015; Fasoli & Maass, 2020) e até pelo receio dos próprios casais, que continuam a preferir criar candidaturas de adoção a solo para evitar sofrer qualquer tipo de discriminação heteronormativa e não correr o risco de o processo ser rejeitado devido a isso (Aresta, 2021). Este último receio é justificado por Sampaio (2009), que refere que existem profissionais da área psicossocial que desqualificam este modelo de família por ainda

estarem condicionados/as pelo modelo tradicional, não conseguindo aceitar que outros modelos familiares podem também ser competentes para cumprir funções parentais. Num estudo conduzido por Gato e colegas (2019), foram relatadas experiências positivas de profissionais ligados aos processos de adoção por casais do mesmo género, mas também se verificaram atitudes preconceituosas e práticas heteronormativas em alguns casos. Ainda assim, estes/as profissionais afirmam que sentem a necessidade de ter mais formação acerca da temática (e.g., aspetos relacionados com a identidade sexual e de género, homoparentalidade e desenvolvimento das crianças num contexto familiar homoparental, entre outros) (Gato, et al., 2019). Contudo, existem muitos países onde o processo de adoção em si ainda é proibido (Goldberg & Allen, 2013). A título de exemplo, existem vários Estados dos Estados Unidos da América (EUA) que proíbem a adoção conjunta de uma criança, apesar de aceitarem que a adoção seja realizada por um dos membros do casal (Goldberg & Allen, 2013). Ainda assim, um dos pais ou mães seria pai ou mãe adotivo/a daquela criança, mas o outro membro do casal não, originando assim uma grande desvantagem legal, pois este/a indivíduo/a não poderia ter qualquer tipo de decisão sobre o futuro da criança caso o seu companheiro ou companheira falecesse (Perlesz & McNair, 2004; Goldberg & Allen, 2013).

Em França e Espanha, alguns casais que não conseguiram adotar uma criança enquanto casal por serem homossexuais, esconderam a sua orientação sexual e o seu matrimónio para tentarem ser aceites no processo (Messina & D'Amore, 2018). Por outro lado, o mesmo estudo indica que na Bélgica, onde a adoção por parte de casais do mesmo género é legal, demonstrou que os/as próprios/as Técnicos/as Assistentes Sociais mostravam aos casais candidatos dados estatísticos que revelavam o número limitado de sucesso na adoção e tinham um número limite de aceitações por ano (Messina & D'Amore, 2018). De acordo com Levitt et al. (2020), a aceitação do processo de adoção por parte das agências de adoção está correlacionada com a opinião que estas têm sobre a adoção por parte de casais do mesmo género.

Apesar da lei já não ser um entrave para a criação de uma família homoparental em Portugal, existem ainda barreiras que criam dúvidas aos casais, durante o seu processo de tomada de decisão (Aresta, 2021) e até trazem maior stress às famílias homoparentais após a adoção (Gato & Fontaine, 2010; Claridge & Denlinger, 2020). Existe ainda a crença, entre homossexuais e lésbicas, de que a homossexualidade impossibilita a maternidade ou paternidade (Brown et al., 2009; Goldberg et al., 2014), e a falta de

suporte por parte da família dos casais do mesmo género aumenta essas dúvidas (Leal et al., 2019), apesar de normalmente se verificar uma fortificação na relação entre estes após a adoção (Goldberg et al., 2014) ou então uma quebra de ligação total (Levitt et al., 2020).

Parecem existir, assim, pelo menos três aspetos essenciais incluídos na reflexão de pais e mães antes de tomarem a decisão de adotar: preocupação com o bem-estar da criança (i.e., com a discriminação que esta poderá sentir mais tarde por fazer parte de uma família homoparental); sentimento de culpa (i.e., por consentirem com o facto da criança não vir a ser educada por um pai e uma mãe), necessidade de superar a crença de que é impossível serem pais e/ou mães por serem LGB (Lerner et al., 2011). Com a transição para a parentalidade, é verificado em vários estudos representados no Relatório de Parentalidade de Famílias LGB que a saúde mental e a qualidade da relação dos casais são afetadas, tal como acontece nos casais heterossexuais (Goldberg et al., 2014).

Para terem algum apoio, normalmente estes casais procuram auxílio e orientação junto de pessoas que já tenham passado exatamente pelo mesmo processo e que poderão explicar quais os obstáculos que se seguem e como estes poderão ultrapassá-los (Levitt et al., 2020).

Ainda assim, teoricamente não existe nenhuma razão convincente para acreditar que a orientação sexual – por si só – será uma grande influência na saúde e bem-estar da(s) criança(s). Na verdade, devido a todo o processo de reflexão e aceitação da ideia, quando estes casais adotam realmente, demonstram um alto grau de desejo e foco na criança devido ao grande esforço envolvido (Biblarz et al., 2014), pois estes casais nunca passarão por gravidez indesejada ou não planeada, como alguns casais heterossexuais poderão passar (Levitt et al., 2020).

O estudo de Patterson (2006) confirma que não existem diferenças significativas entre adolescentes criados/as num contexto homoparental em comparação a um contexto heterossexual, pelo menos nos domínios de bem-estar psicológico (i.e., autoestima e ansiedade), resultados escolares (i.e., média de notas e problemas no contexto escolar) e relação familiar (i.e., afeto e cuidados parentais). Também se observou que, independentemente do tipo de família, quanto melhor a relação com os pais e/ou mães, mais saudáveis são psicologicamente (Patterson, 2006).

Na revisão feita por Gato e Fontaine (2010) onde analisam o desenvolvimento psicossocial, psicossocial e as relações sociais das crianças e jovens educados/as por casais do mesmo género, foram observadas diferenças no desenvolvimento psicossocial

em comparação com crianças e jovens educados/as por casais heterossexuais, nomeadamente o os/as filhos/as de casais do mesmo género serem mais flexíveis no que toca a papéis de género, tornando-os mais próximos da visão igualitária de género. Observou-se mais uma diferença ao nível das relações sociais, mas com influência do contexto social onde se encontravam. Ou seja, algumas crianças e jovens educados/as por casais do mesmo género reportaram ser alvos de discriminação devido a esse facto, mas outros/as não (Gato & Fontaine, 2010).

De acordo com Goldberg et al. (2014), em comparação com casais heterossexuais, os casais do mesmo género tendem a partilhar a responsabilidade familiar, doméstica e profissional de forma mais igualitária e a única diferença significativa entre as crianças de casais de ambos os tipos de família é o facto de não existir tanto estereótipo de género nas brincadeiras de crianças criadas por casais do mesmo género.

Estes casais e crianças também têm uma maior resiliência e empatia para com grupos minoritários e ainda se verificou que existem tantas crianças provenientes de famílias homoparentais como de famílias heteroparentais vítimas de *bullying* homofóbico (Goldberg et al., 2014). Ainda assim, a classe social consegue proteger um pouco as famílias homoparentais, pois pais e/ou mães com mais recursos económicos tendem a escolher sítios onde viver e escolas que as suas crianças possam frequentar e que à partida não sejam tão discriminatórias (Croteau et al., 2002), indo ao encontro com a evidência encontrada na revisão de Gato e Fontaine (2010) sobre o facto de o contexto social ter impacto na discriminação.

Assim, múltiplas investigações mostram que não há diferenças na educação em função da orientação sexual dos pais e das mães, sendo que filhos/as de casais homoafetivos apresentam um desenvolvimento psicossocial próximo ao dos/as filhos/as de casais heterossexuais (Gato & Fontaine, 2011). O Relatório de Evidência Científica Psicológica sobre Relações Familiares e Desenvolvimento Infantil nas Famílias Homoparentais (Ordem dos Psicólogos Portugueses, 2013) vem ainda acrescentar que nem o bem-estar destas crianças, nem nenhuma dimensão do seu desenvolvimento (i.e., psicológico, emocional, cognitivo, social e sexual) diferem devido à orientação sexual dos/as seus/suas pais/mães, mas poderão diferir quando a qualidade da relação entre pais, mães e filhos/as não é similar. No que diz respeito à diferença entre géneros, com dois pais ou duas mães, a criança conseguirá distinguir as características de ambos os sexos através das suas relações sociais alargadas (OPP, 2013), mas poderão vir a ter uma noção

menos tradicional e mais flexível dos papéis de género, pois estas famílias apresentam maior equidade na divisão de todo o tipo de trabalho doméstico, profissional e de cuidados com a criança (Sutfin et al., 2008). Em suma, contrariamente ao que a sociedade incute ao manter uma cultura heterossexista (Lev, 2010), o bem-estar de uma criança é influenciado pela relação entre esta e os/as progenitores/as e não pela orientação sexual dos/as mesmos/as (Clarke & Kitzinger, 2005; Goldberg, 2012; OPP, 2013). Ainda assim, devido à discriminação que ainda é sentida por parte dos casais do mesmo género que embarcam no objetivo de alargar a família ao adotar uma criança, estes passam a ter uma experiência cheia de desafios interpessoais, organizacionais, jurídicos e sistémicos, muitas vezes com uma rede de apoio muito pequena (Levitt et al., 2020).

Tendo em conta que o maior impedimento para que duas mulheres ou dois homens possam adotar uma criança é a sociedade onde estas famílias se inserem, o objetivo deste estudo é, através da avaliação de atitudes face à adoção e educação por casais do mesmo género, face às ideias de papéis de género na parentalidade e face à discriminação com base na orientação sexual masculina e feminina, perceber as opiniões dos/as estudantes da Universidade de Évora acerca da adoção e educação por parte de casais do mesmo género e avaliar a discriminação que possam ter acerca deste tema.

## **2. Método**

### **Objetivos específicos e questões de investigação**

Tendo em conta o objetivo geral desta investigação, foram delineados os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar qual o grau de aceitação dos/as estudantes relativamente à adoção e educação por parte de casais do mesmo género;
2. Perceber a opinião dos/as estudantes relativamente à adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género tendo em conta o género, a orientação sexual, a idade, nível de religiosidade, posição política dos/as estudantes, e se estes/as têm ou não alguma relação de proximidade com pessoas homossexuais;
3. Verificar se existem manifestações de preconceito e discriminação tendo em conta o género, a orientação sexual, a idade, nível de religiosidade, posição política

dos/a estudantes, e se estes/as têm ou não alguma relação de proximidade com pessoas homossexuais;

4. Verificar se existe correlação entre as conceções sobre adoção e educação de crianças por casais do mesmo género, papéis de género e o preconceito manifestado face à homossexualidade feminina e masculina;

Desta forma, pretende-se responder às seguintes questões de investigação:

1. Qual o grau de aceitação dos/as estudantes relativamente à adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género?
2. Existem diferenças na aceitação dos/as estudantes da adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género, de acordo com:
  - 2.1. O seu género?
  - 2.2. A sua orientação sexual?
  - 2.3. A sua idade?
  - 2.4. O seu nível de religiosidade?
  - 2.5. A sua posição política?
  - 2.6. O seu grau de proximidade com pessoas homossexuais?
3. Existem diferenças nas opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género, de acordo com:
  - 3.1. O seu género?
  - 3.2. A sua orientação sexual?
  - 3.3. A sua idade?
  - 3.4. O seu nível de religiosidade?
  - 3.5. A sua posição política?
  - 3.6. O seu grau de proximidade com pessoas homossexuais?
4. Existem diferenças nas opiniões dos/as estudantes relativamente às suas crenças sobre papéis de género na parentalidade, de acordo com:
  - 4.1. O seu género?
  - 4.2. A sua orientação sexual?
  - 4.3. A sua idade?
  - 4.4. O seu nível de religiosidade?
  - 4.5. A sua posição política?
  - 4.6. O seu grau de proximidade com pessoas homossexuais?

5. Existem diferenças nas manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina, de acordo com:
  - 5.1. O seu género?
  - 5.2. A sua orientação sexual?
  - 5.3. A sua idade?
  - 5.4. O seu nível de religiosidade?
  - 5.5. A sua posição política?
  - 5.6. O seu grau de proximidade com pessoas homossexuais?
6. Existe relação entre as opiniões sobre adoção e educação de crianças por casais do mesmo género, sobre papéis de género na parentalidade e o preconceito manifestado face à orientação sexual, à homossexualidade masculina e feminina?

## **Participantes**

Devido aos constrangimentos provocados pela Covid-19, incluindo a implementação de aulas à distância, este estudo foi realizado recorrendo-se a uma recolha de dados online.

O presente estudo conta com 311 participantes (N=311), alunos/as de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento da Universidade de Évora.

Os/as participantes apresentam uma média de idade de 23.87 anos (DP =7.27, Moda =20, Mediana=21), num intervalo de idades entre os 18 e os 63 anos. A amostra está distribuída pelas diferentes faixas etárias, sendo que 38.6% tem idade inferior ou igual a 20 anos (N= 120); 49.2% entre 21 anos e 30 anos (N=153) e 12.2% da amostra encontra-se acima dos 30 anos (N=38). Desta amostra, 244 (78.5 %) identificam-se como sendo do género feminino e 67 (21.5%) do género masculino.

No que diz respeito à Orientação Sexual, a amostra é constituída maioritariamente por pessoas heterossexuais, sendo 257 (82.6%), seguidamente por 28 pessoas bissexuais (9%) e 26 pessoas homossexuais (8.4%).

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (género, idade, orientação sexual)

Características Sociodemográficas	Participantes	
	n	%
Género		
Feminino	244	78.5%
Masculino	67	21.5%
Idade		
< = 20	120	38.6%
21-30	153	49.2%
> 30	38	12.2%
Orientação Sexual		
Heterossexual	257	82.6%
Homossexual	26	8.4%
Bissexual	28	9%

A maioria dos/as participantes tem residência de família na região do Alentejo (44.1%, N=137), enquanto 20,6% reside habitualmente na Área Metropolitana de Lisboa (N=64), 18.6% no Centro (N=58) e os restantes no Algarve (6.1%, N=19), Norte (5.5%, N=17), Madeira (4.2%, N=13) e estrangeiro (1%, N=3).

No que diz respeito aos cursos frequentados pelos/as alunos/as, 46.6% dos/as estudantes encontram-se a frequentar um curso da Escola de Ciências Sociais (N=145), seguindo-se a Escola de Ciências e Tecnologias (34.7%, N=108), Escola de Artes (11.6%, N=36) e por fim a Escola Superior de Enfermagem de S. João de Deus (7.1%, N=22), englobando assim estudantes de todas as escolas da Universidade de Évora.

Tabela 2. Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (região de residência fora do período de aulas, escola e ciclo de estudos)

Características Sociodemográficas	Participantes	
	n	%
Região de Residência fora do período de aulas		
Alentejo	137	44.1%
Área Metropolitana de Lisboa	64	20.6%
Centro	58	18.6%
Algarve	19	6.1%
Norte	17	5.5%
Madeira	13	4.2%
Estrangeiro	3	1%
Escola		
Artes	36	11.6%
Ciências e Tecnologias	108	34.7%
Ciências Sociais	145	46.6%
Superior de Enfermagem de S. João de Deus	22	7.1%
Ciclo de Estudos		
Licenciatura	214	68.8%
Mestrado	87	28%
Doutoramento	10	3.2%

Relativamente ao Ciclo de Estudos, 214 alunos/as encontram-se a frequentar uma Licenciatura (68.8%), 87 encontram-se em Mestrado (28%) e 10 encontram-se a realizar um Doutoramento (3.2%).

Quanto à Posição Religiosa, a maioria dos/as estudantes considera-se nada religioso/a (59.5%, N=185), 24.8% considera ser moderadamente religioso/a (N=77) e 15.8% considera ser muito religioso/a (N=49). Quanto à posição política, 227 pessoas consideram a sua posição política de centro (73%), 63 de esquerda (20.3%) e 21 de direita (6.8%).

A maioria da população afirma conhecer pessoas homossexuais (97.1%, N=302) e as restantes 9 pessoas afirmam não conhecer (2.9%), e no que concerne o grau de proximidade a pessoas homossexuais, a maioria da amostra é muito próxima de alguém cuja orientação sexual é homossexual (58.2%, N=181), 25.7% da amostra é moderadamente próxima (N=80), 9% é pouco próxima (N=28) e 7.1% não é nada próxima (N=22).

*Tabela 3. Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (posição religiosa, posição política, conhece pessoas homossexuais e grau de proximidade com pessoas homossexuais)*

Características Sociodemográficas	Participantes	
	n	%
Posição Religiosa		
Nada Religioso/a	185	59.5%
Moderadamente Religioso/a	77	24.8%
Muito Religioso/a	49	15.8%
Posição Política		
Centro	227	73%
Esquerda	63	20.3%
Direita	21	6.8%
Conhece Pessoas Homossexuais		
Sim	302	97.1%
Não	9	2.9%
Grau de Proximidade relativamente a pessoas Homossexuais		
Nada Próximo/a	22	7.1%
Pouco Próximo/a	28	9%
Moderadamente Próximo/a	80	25.7%
Muito Próximo/a	181	58.2%

## **Instrumentos**

Foram utilizados vários instrumentos com a finalidade de recolher os dados necessários para o desenvolvimento deste estudo. Os dados de caracterização dos/as participantes foram recolhidos através de um *Questionário Sociodemográfico* e os

restantes dados foram recolhidos através do *Questionário de Opiniões sobre Adoção e Educação por Casais do Mesmo Género (QOAE)*, *Questionário de Opiniões sobre Papéis de Género na Parentalidade (QOPGP)*, *Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual (QOOS)* (Santos, 2018), *Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina (QOHM)* (Santos, 2018) e *Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina (QOHF)* (Santos, 2018).

#### **a. Questionário Sociodemográfico**

O Questionário Sociodemográfico foi construído com o intuito de recolher dados sobre a caracterização dos/as participantes que integram este estudo. Foram assim colocadas questões acerca da idade, género, orientação sexual, residência fora do período de aulas, área de estudo, escola e ciclo de estudo. Foram também construídas escalas tipo *Likert* com 9 níveis de concordância para recolher informação sobre a posição religiosa e política dos participantes, o grau de proximidade relativamente a pessoas homossexuais e a opinião sobre a adoção e educação de crianças por casais do mesmo género. No que concerne a escala de Posição Religiosa e Posição Política, o nível 1 corresponde a Nada Religioso/a e Extrema Esquerda respetivamente, e o nível 9 corresponde a Muito Religioso/a e Extrema Direita, respetivamente. A escala referente ao Grau de Proximidade a homossexuais tem como nível 1 “Pouco Próximo/a” e nível 9 “Muito Próximo/a” e por fim o nível 1 das escalas sobre a opinião geral sobre a adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género corresponde a “Discordo Totalmente” e o nível 9 corresponde a “Concordo Totalmente”.

#### **b. Questionário de Opiniões sobre Adoção e Educação por Casais do Mesmo Género – QOAE**

Para avaliar dimensões de atitudes face à adoção e educação por casais do mesmo género, foi construído o *Questionário de Opiniões sobre Adoção e Educação por Casais do Mesmo Género (QOAE)*. A sua criação deveu-se ao facto de não existir nenhum instrumento que avalie os preconceitos que poderão ser encontrados relativamente à homoparentalidade, mais especificamente à adoção e educação de crianças.

A sua construção teve por base uma revisão de literatura acerca da adoção e educação homoparental, a *Escala de atitudes contra gays e lésbicas como pais/mães*

*adotivos/as (APS)* criada por Ryan (2000) e o *Questionário de Discriminação e Preconceito Polimorfo* de Massey, adaptado para a população portuguesa por Costa e colegas (2010). Foi ainda realizado um *Focus Group* com um grupo heterogéneo constituído por seis estudantes da Universidade de Évora com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos, três do sexo feminino e três do sexo masculino, que não se conheciam entre si, de proveniência geográfica variada. Esta metodologia tem por base a reunião de um pequeno grupo de pessoas com o objetivo específico de discutir sobre um determinado assunto, e inclui um/a moderador/a que normalmente tem algumas questões previamente preparadas para moderar a discussão e garantir que todos/as os/as participantes deem a sua opinião, de forma flexível e descontraída (Wilkinson, 2004; Grudens-Schuck et al., 2004). A entrevista de grupo teve lugar na Residência António Gedeão, numa sala de estudo sem indivíduos externos à reunião. Antes desta ter tido início foi referido qual o propósito da mesma, e os/as participantes tiveram espaço para questionar qualquer dúvida que pudessem ter, tendo sido também garantido que poderiam desistir a qualquer momento. Foram assim tidos em conta os quatro elementos de consentimento descritos por Sim e Waterfield (2019): divulgação da informação por parte do/a investigador/a e compreensão, competência e voluntariedade por parte dos/as participantes. Também foi pedida a autorização para gravar a entrevista de grupo, para que a recolha e análise dos dados fosse facilitada.

O *Focus Group* teve uma duração de cerca de 30 minutos e teve como questões orientadoras: 1. Qual a vossa opinião sobre a adoção homoparental? 2. Qual é que acham que é a visão da sociedade no que toca a este assunto? 3. Se tivessem um filho homossexual que quisesse adotar, qual seria a vossa reação?

A análise da informação dada pelos/as participantes foi feita através do agrupamento das várias respostas dadas às três questões. Os pontos de vista e ideais dos/as participantes eram semelhantes, mas ainda assim partilharam opiniões diversas de outras pessoas amigas/conhecidas com quem já discutiram anteriormente sobre o tema, permitindo que houvesse um debate mais rico e com diferentes perspetivas. Assim, este método permitiu examinar diferentes visões sobre o tema e foi uma mais-valia para a construção dos itens do *QOAE*.

Foram assim criados 28 itens para integrar o *QOAE* de forma a ser possível avaliar-se especificamente os preconceitos que poderão existir face à adoção e educação por casais do mesmo género. Cada item tinha como resposta uma escala de *Likert* de 1 a

6 (1 = discordo totalmente, 2 = discordo muito, 3 = discordo um pouco, 4 = concordo um pouco, 5 = concordo muito ou 6 = concordo totalmente).

Seguidamente, foi necessário proceder-se à validação do questionário. Para assegurar a validade foi utilizada a metodologia da Análise Fatorial Exploratória (AFE). Esta análise tem por base a exploração de dados para descobrir a relação entre um conjunto de variáveis para finalmente ser criada uma escala de medida de fatores que controlam as variáveis originais (Marôco, 2007).

Em todas as AFE realizadas neste estudo foi utilizado o método dos componentes principais com rotação *Varimax* para a extração dos fatores, e a decisão de extração ou permanência dos itens foi realizada com base nos critérios de Kaiser (Pallant, 2005), que dizem que o valor próprio deverá ser superior a 1; com observação da curva do *Scree Plot*, que ao mudar de direção está a definir nessa nova linha horizontal os fatores que contribuem menos para a explicação da variação; e com a observação da correlação da matriz, pois Tabachnick e Fidell (2001) recomendam eliminar os fatores com correlação abaixo de .30. Por fim, o teste de esfericidade de *Bartlett* e o *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) foram também observados em todas as AFE para perceber a adequabilidade dos fatores. O primeiro deve ser estatisticamente significativo ( $p < .05$ ) e o segundo varia entre 0 e 1 e deve ser .6 ou acima desse valor para ser considerada uma boa análise fatorial (Marôco, 2007; Pallant, 2005; Tabachnick & Fidell, 2001).

Adicionalmente, foi necessário também estimar a fiabilidade dos diferentes questionários, pois esta indica o nível a que estes estão livres de erros aleatórios. Assim, avaliou-se a consistência interna dos dados através do cálculo do coeficiente alfa de *Cronbach*. Essa estatística fornece uma indicação da correlação média entre todos os itens que compõem a escala. Os valores variam de 0 a 1, mas o valor recomendado deverá ser .7 ou superior (Pallant, 2005).

Após várias tentativas para compreender qual o resultado que permitia obter a melhor estrutura fatorial, optou-se, através da observação do *Scree Plot*, por forçar uma Análise Fatorial Exploratória a dois fatores, com a exclusão de um item (10) por saturar abaixo de .30 em ambos os fatores. Concluiu-se que o resultado desta análise que contempla dois fatores explicativos de 54.89% de variância total seria a mais adequada. O teste de Esfericidade de *Bartlett* apresentou um  $p < .001$ , o que explica a correlação significativa das variáveis, e o valor do KMO é de .940, sendo considerado apropriado tendo em conta o facto de o valor mínimo aceitável ser .60 (Pallant, 2005).

Como se verifica na tabela 4, o primeiro fator explica 45.05% da variância e agrupa os itens 1, 21, 12, 28, 9, 19, 26, 24, 5, 22, 15, 14, 6, 25, 20, 18, 8, 4, 11, 2 e 13 e o segundo explica 9.76%, compilando os restantes itens: 27, 17, 16, 7, 3 e 23.

Tabela 4. Estrutura Fatorial do Questionário de Opiniões sobre a Adoção e Educação por casais do mesmo género

Itens	Fatores	
	1	2
1. Casais de mulheres ou homens homossexuais devem ter o mesmo direito de adoção do que os casais heterossexuais.	<b>-.861</b>	-.027
21. Preferia ser filho/a de um pai solteiro do que de um casal de lésbicas.	<b>.846</b>	.173
12. Preferia ser filho/a de um pai solteiro do que de um casal de gays.	<b>.841</b>	.178
28. Preferia ser filho/a de uma mãe solteira do que de um casal de gays.	<b>.822</b>	.176
9. Preferia ser filho/a de uma mãe solteira do que de um casal de lésbicas.	<b>.799</b>	.152
19. As crianças de casais homossexuais são mais infelizes por não terem um pai e uma mãe.	<b>.797</b>	.138
26. Duas mulheres não têm aptidões para criar uma criança.	<b>.795</b>	.037
24. Um casal de lésbicas não é capaz de ensinar um filho a ser homem.	<b>.792</b>	.095
5. É importante que exista no casal uma figura feminina e outra masculina para educar uma criança.	<b>.763</b>	.168
22. Uma família homoparental não consegue dar conhecimento à criança sobre as “características” do outro género.	<b>.751</b>	.055
15. Dois homens não têm aptidões para criar uma criança.	<b>.749</b>	.137
14. Deve ser dada mais oportunidade às mulheres solteiras para adotar do que aos casais homossexuais.	<b>.734</b>	.149
6. Um casal gay não é capaz de ensinar uma filha a ser mulher.	<b>.717</b>	.086
25. Uma criança criada num lar homossexual tem mais probabilidade de vir a ser homossexual.	<b>.715</b>	.145
20. As crianças de casais homossexuais são mais revoltadas do que as outras crianças.	<b>.712</b>	.265
18. É importante que exista uma figura feminina e outra masculina na educação de uma criança.	<b>.695</b>	.191
8. O que importa acima de tudo é o amor que pais ou mães dão à criança, independentemente da sua orientação sexual.	<b>-.682</b>	.027
4. Os pais e mães homossexuais são tão capazes como os pais e mães heterossexuais.	<b>-.671</b>	.057
11. Deve ser dada mais oportunidade para adotar aos homens solteiros do que aos casais homossexuais.	<b>.625</b>	.064

Itens	Fatores	
	1	2
2. Ser criado num lar homossexual é muito diferente de ser criado num lar heterossexual.	<b>.500</b>	.260
13. Os pais e mães homossexuais e os/as seus/suas filhos/as deveriam ter acompanhamento psicológico.	<b>.466</b>	.293
27. Os pais solteiros têm mais apoio da família do que os pais gays e as mães lésbicas.	.073	<b>.772</b>
17. As crianças de casais homossexuais são mais discriminadas pelos/as colegas na escola.	.155	<b>.770</b>
16. Crianças adotadas por casais homossexuais são menos aceites pela sua família alargada.	.257	<b>.708</b>
7. As crianças educadas por casais homossexuais vão ser mais discriminadas pela sociedade.	.147	<b>.669</b>
3. As mães solteiras têm mais apoio da família do que os pais gays e as mães lésbicas.	-.054	<b>.561</b>
23. Uma família monoparental é mais aceite pela sociedade do que uma família homoparental.	.053	<b>.550</b>
<b>Percentagem de Variância de Explicada</b>	45.05	9.76
<b>Alpha de Cronbach</b>	.95	.77
<b>Média</b>	1.7	3.61
<b>Desvio Padrão</b>	.84	.93
<b>Mínimo</b>	1	1
<b>Máximo</b>	5.9	6

Tendo em conta a análise semântica dos itens agrupados, o primeiro fator foi denominado de *Heterossexismo* e contém itens que remetem para situações de preconceito ao nível parental, defendendo apenas a heterossexualidade na parentalidade como norma; o segundo fator foi denominado de *Discriminação Familiar e Social* e contempla os restantes itens que indicam discriminação indireta, colocando o enfoque na família alargada das pessoas homossexuais que tencionam ser pais e mães e na sociedade em geral.

O valor do *Alpha de Cronbach* do fator *Heterossexismo* é de .95 e o do fator *Discriminação Familiar e Social* é de .77, indicando assim que estão ambos dentro dos valores recomendados para que o questionário tenha uma boa consistência interna.

Com o intuito de se identificar a média, o desvio padrão e os mínimos e máximos dos dois fatores do *QOAE*, optou-se por se realizar a análise descritiva dos mesmos. O fator *Heterossexismo* tem como valor mínimo 1 e máximo 5.9,  $M = 1.7$  e um desvio padrão de .84. Seguidamente, o fator *Discriminação Familiar e Social* tem como valor

mínimo 1 e máximo 6,  $M = 3.61$  e o seu desvio padrão é  $.93$ . Os valores das médias permitem constatar que os/as estudantes evidenciam baixa discriminação heterossexista, mas apresentam uma maior discriminação relacionada com aspetos de natureza familiar e social.

### ***c. Questionário de Opiniões sobre Papéis de Género na Parentalidade - QOPGP***

Para avaliar atitudes face aos Papéis de Género, foi construído o *Questionário de Opiniões sobre Papéis de Género na Parentalidade (QOPGP)*. A criação dos 17 itens (mais 1 para controlo de atenção dos/as participantes) que inicialmente constituíam o questionário teve por base uma revisão de literatura que explorou tanto a visão mais igualitária dos papéis de género e a mais tradicional, e também o impacto da parentalidade na vida dos casais. Também se teve em conta os resultados do *Focus Group*, pois durante a sessão discutiu-se também sobre diferentes tipos de famílias e sobre o papel que o pai e/ou a mãe têm em famílias monoparentais, como argumento para a opinião positiva acerca da adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género. O objetivo da construção deste questionário seria avaliar especificamente qual a visão que os/as estudantes têm sobre o papel do homem e/ou da mulher em contexto parental e consequentemente sobre a conciliação que poderá existir entre contexto familiar e laboral de ambos. Cada item tinha como resposta uma escala de *Likert* de 1 a 6 (1 = discordo totalmente, 2 = discordo muito, 3 = discordo um pouco, 4 = concordo um pouco, 5 = concordo muito ou 6 = concordo totalmente).

A AFE realizada para validar este questionário também contemplou o método dos componentes principais com rotação *Varimax* para a extração dos fatores, e a decisão de extração ou permanência dos itens foi realizada com base nos critérios de Kaiser (Pallant, 2005), com observação da curva do *Scree Plot*, e com a observação da correlação da matriz. Inicialmente, o *QOPGP* continha 17 itens, mas foram retirados os itens 6, 8, 13, 17 e 18 depois de observar a tabela *Item-Total Statistics* que confirmou que esses itens baixavam o valor do *Alpha de Cronbach*.

Assim, a AFE contempla quatro fatores explicativos de 65.69% de variância total. O teste de Esfericidade de *Bartlett* apresentou um  $p < .001$ , o que explica a correlação significativa das variáveis, e o valor do *KMO* é de  $.69$ .

Como se verifica na tabela 5, o primeiro fator explica 27.47% da variância e agrupa os itens 2, 3, 14 e 15, o segundo explica 15.38%, compilando itens 9, 7, 12, 4 e 10, o terceiro fator explica 12.78% da variância e agrupa os itens 16 e 11, e por fim, o último fator explica 10.05% da variância e contém os restantes itens: 5 e 1. Apesar dos últimos dois fatores conterem apenas dois itens, a carga fatorial de ambos é alta e portanto decidiu-se aceitar ambos os fatores (Worthington & Whittaker, 2006).

Tabela 5. Estrutura Fatorial do Questionário de Opiniões sobre os Papéis de Género na Parentalidade

Itens	Fatores			
	1	2	3	4
2. As mulheres têm mais capacidade para cuidar de um bebé com menos de um ano de idade do que os homens.	<b>.822</b>	-.061	-.172	.011
3. Um pai tem mais capacidade para assegurar cuidados “secundários” de uma criança, como comprar a sua comida, do que cuidados “primários” como dar-lhe banho.	<b>.766</b>	-.178	-.131	-.084
14. Os homens não têm tanta competência quanto as mulheres para tratar da(s) criança(s) quando esta(s) adocece(m).	<b>.687</b>	.012	.029	.050
15. As mães devem ter mais tempo de licença parental do que os pais.	<b>.615</b>	-.151	.069	.197
9. O pai e a mãe devem partilhar as tarefas de forma igualitária, inclusive o tratamento “primário” de uma criança, como alimentá-la.	-.210	<b>.794</b>	.065	-.070
7. A autoridade da mãe e do pai para com a criança deve ser equivalente.	-.172	<b>.733</b>	.054	.066
12. A licença de parentalidade deve continuar a ser obrigatória para a mãe e para o pai da(s) criança(s).	.139	<b>.646</b>	.107	-.005
4. Um pai deve passar tanto tempo a cuidar da(s) sua(s) criança(s) quanto uma mãe.	-.106	<b>.584</b>	.083	.128
10. Os homens e as mulheres têm as mesmas capacidades parentais.	-.474	<b>.511</b>	.226	.001
16. Um pai que trabalhe a tempo inteiro consegue estabelecer uma relação de suporte e carinho com a criança tal como um pai que esteja em casa.	-.058	.138	<b>.957</b>	-.012
11. Uma mãe que trabalhe a tempo inteiro consegue estabelecer uma relação de suporte e carinho com a criança tal como uma mãe que esteja em casa.	-.109	.185	<b>.939</b>	-.063
5. As mulheres devem pensar primeiro no cuidado da(s) sua(s) criança(s) e só depois na sua vida profissional.	.056	.032	-.033	<b>.940</b>
1. Os homens devem pensar primeiro no cuidado da(s) sua(s) criança(s) e só depois na sua vida profissional.	.078	.091	-.038	<b>.934</b>
<b>Percentagem de Variância de Explicada</b>	27.47	15.38	12.78	10.05
<b>Alpha de Cronbach</b>	.72	.69	.94	.88
<b>Média</b>	1.69	3.61	4.13	4.07
<b>Desvio Padrão</b>	.84	.93	1.56	1.31
<b>Mínimo</b>	1	2	1	1
<b>Máximo</b>	5.5	6	6	6

Desta forma, este questionário contempla um total de 13 itens que foram agrupados em quatro fatores. O primeiro denomina-se por *Papéis de Género Tradicionais na Parentalidade* e agrupa itens que indicam crenças congruentes com a ideia de que o homem e a mulher têm diferentes papéis na parentalidade devido às supostas aptidões que cada género tem (e.g., a mulher ser mais apta do que o homem para suprimir todas as necessidades de um recém-nascido e bebé; a mulher ter direito a mais tempo de licença de parentalidade do que o homem; o homem ser mais apto para brincar com a criança do que para lhe prestar cuidados, entre outros), existindo assim um estereótipo de género.

Seguidamente o fator *Papéis de Género Igualitários na Parentalidade* agrupa itens relacionados com crenças mais igualitárias na parentalidade, tendo por base a ideia de que o homem e a mulher são igualmente aptos nesse contexto. O terceiro fator, *Conciliação da Vida Profissional/Parental* juntou itens que se focaram no tempo despendido no trabalho por pais e mães e nas consequências que esse tempo poderá trazer (ou não) para a sua relação com as crianças. Por fim, o fator *Priorização da Vida Parental* uniu itens que se relacionam com a priorização da vida parental em prol da vida profissional.

Para avaliar a consistência interna dos dados calcularam-se os *Alphas de Cronbach* dos quatro fatores. O valor do *Alpha de Cronbach* do fator *Papéis de Género Tradicionais na Parentalidade* foi .72, o do fator *Papéis de Género Igualitários na Parentalidade* foi .69, o do fator *Conciliação Vida Profissional/Parental* teve o valor de .94 e por último o *Alpha* do fator *Priorização da Vida Parental* foi de .88. O fator *Papéis de Género Igualitários na Parentalidade* encontra-se .01 abaixo do valor recomendado (>.70) (Pallant, 2005), mas tendo em conta que é uma versão experimental do questionário, decidiu-se que se deveria manter.

A análise descritiva dos fatores indica que o fator *Papéis de Género Tradicionais na Parentalidade* tem como valor mínimo 1 e máximo 5.5,  $M = 1.69$  e um desvio padrão de .84. Seguidamente, o fator *Papéis de Género Igualitários na Parentalidade* tem como valor mínimo 2 e máximo 6,  $M = 3.61$  e o seu desvio padrão é .93. O fator *Conciliação vida Profissional/Parental* tem como valor mínimo 1 e valor máximo 6,  $M = 4.13$  e desvio padrão de 1.56. Por fim, o fator *Priorização da Vida Parental* tem como valor mínimo 1 e máximo 6 tal como o fator anterior,  $M = 4.07$  e o desvio padrão é de 1.31. Ao atentar as médias dos diferentes fatores, é possível verificar que os/as estudantes dão mais valor

à conciliação da vida profissional e parental e identificam-se menos com os papéis de género tradicionais na parentalidade.

***d. Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual (QOOS), Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina (QOHM) e Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina (QOHF)***

Os três instrumentos que se seguem foram criados após a reestruturação e adaptação da *Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays (EMAFLG)* criada por Gato e colegas (2014). A escala original (*EMAFLG*) foi construída para avaliar um maior leque de atitudes face a pessoas homossexuais, incluindo a homopatologização, rejeição de proximidade e heterossexismo moderno como atitudes negativas e o suporte dos direitos das pessoas homossexuais como atitude positiva (Gato et al., 2014).

Santos (2018), pretendeu analisar quais as semelhanças e/ou diferenças dos preconceitos direcionados a gays e lésbicas, criando assim três novos instrumentos para a sua concretização.

O *Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual (QOOS)* foi formulado para avaliar aspetos mais gerais sobre a homossexualidade e manteve 20 itens da escala original (*EMAFLG*). Este questionário tem como fatores *Rejeição de Proximidade*, agrupando itens que indiquem evitamento de contacto com pessoas homossexuais e até desconforto em estar na sua presença, *Homopatologização*, unindo itens que vão de acordo com a crença de que a homossexualidade é uma doença e necessita de tratamento, e, por fim, *Suporte*, agrupando itens positivos acerca da homossexualidade, no que diz respeito à sua visibilidade e legitimidade da defesa dos seus direitos (Santos, 2018). Para o presente estudo foram eliminados três itens do *QOOS* (3, 6 e 11), por se ter construído um instrumento específico que avalia a componente de parentalidade por parte de casais do mesmo género.

O *Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina (QOHM)* e o *Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina (QOHF)* foram assim formulados para avaliar especificamente a multidimensionalidade dos preconceitos contra a homossexualidade feminina e masculina para compreender se existem semelhanças e/ou diferenças. Para o presente estudo foi eliminado um item de cada um dos questionários (item nº 23 em ambos os questionários), pois avaliavam a componente

de parentalidade por parte de casais do mesmo género. Ambos os questionários contêm 27 itens distribuídos por quatro fatores: *Rejeição de Proximidade*, que agrupa, tal como o *QOOS*, itens que indiquem evitamento de contacto com pessoas homossexuais e até desconforto em estar na sua presença, *Homonegatividade Tradicional*, agrupando itens que identifiquem as pessoas homossexuais como sendo moralmente e/ou religiosamente infratoras, *Visibilidade/Expressão de Género*, aproximando os itens que abarquem a crença de que a visibilidade e expressão da identidade sexual devem ser mantidas em privado e, por fim, o fator *Transgressão de Normas de Género/Assunções sobre a Homossexualidade* contém itens de foro tradicional no que toca às crenças de papéis de género e a ideia de que quem não tem comportamentos normativos não tem uma orientação sexual heterossexual (Santos, 2018).

Devido ao facto de as características dos/as participantes deste estudo serem distintas das dos/as participantes do estudo de Santos (2018), foram realizadas novas AFE a todos os questionários.

#### ***d1. Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual (QOOS)***

A primeira AFE, referente ao *QOOS*, resultou em dois fatores com exclusão dos itens 5 e 13 por saturarem em ambos os fatores e com a exclusão do item 14 devido à observação da tabela *Item-Total Statistics* que confirmou que esses itens baixavam o valor do *Alpha de Cronbach*.

O primeiro fator conta com 49.56% de variância explicada e o segundo com 11.51, perfazendo um total de 61.07 de variância total. O teste de Esfericidade de *Bartlett* apresentou um  $p < .000$ , e o valor do *KMO* é de .90.

Como se verifica na tabela 6, o fator *Homopatologização* agrupa os itens 4, 12, 2, 1, 6, 7, 11 e 3 e o segundo fator, *Heteronormatividade*, compila os itens 15, 10, 8 e 9.

Tabela 6. Estrutura Fatorial do Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual

Itens	Fatores	
	1	2
4. A homossexualidade é uma forma inferior de sexualidade.	<b>.848</b>	.238
12. As lésbicas e os gays deveriam submeter-se a terapia para mudar a sua orientação sexual.	<b>.846</b>	.190
2. A homossexualidade é uma perturbação psicológica.	<b>.791</b>	.351
1. Para mim é igual se os meus amigos ou amigas são heterossexuais ou homossexuais.	<b>-.763</b>	-.261
6. A crescente aceitação da homossexualidade na nossa sociedade está a contribuir para a deterioração dos valores morais.	<b>.726</b>	.394
7. Hesitaria em apoiar pessoas homossexuais com medo de ser confundido/a com elas.	<b>.655</b>	-.045
11. Se realmente quisessem, as lésbicas e os gays poderiam ser heterossexuais.	<b>.621</b>	.423
3. A legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo abala os princípios fundamentais da sociedade.	<b>.558</b>	.294
15. Vejo o movimento gay como algo de positivo.	-.306	<b>-.780</b>
10. Celebrações como o “dia do orgulho gay” são ridículas porque assumem que a orientação sexual deve constituir um motivo de orgulho.	.207	<b>.779</b>
8. As pessoas que assumem a sua homossexualidade devem ser admiradas pela sua coragem.	-.050	<b>-.734</b>
9. As lésbicas e os gays ainda precisam de lutar por direitos iguais.	-.270	<b>-.601</b>
<b>Percentagem de Variância de Explicada</b>	49.56	11.51
<b>Alpha de Cronbach</b>	.88	.76
<b>Média</b>	1.33	2.26
<b>Desvio Padrão</b>	.71	1.1
<b>Mínimo</b>	1	1
<b>Máximo</b>	5.88	6

Os itens foram agrupados em dois fatores distintos, sendo que o primeiro, *Homopatologização*, contém fatores que verificam a homossexualidade como sendo algo pejorativo e patológico, *Heteronormatividade* que contempla itens que descuram a ideia de que é necessário lutar para que as pessoas com orientação sexual diferente da heterossexual defendam os seus direitos.

Para avaliar a consistência interna dos dados calcularam-se os *Alphas de Cronbach* dos dois fatores. O valor do *Alpha de Cronbach* do fator *Homopatologização*

foi .88, e o do fator *Heteronormatividade* foi .76., portanto ambos têm uma consistência interna adequada.

A análise descritiva dos dois fatores do *QOOS* mostrou que o fator *Homopatologização* tem como valor mínimo 1 e máximo 5.88,  $M = 1.33$  e desvio padrão .71. Seguidamente, o fator *Heteronormatividade* tem como valor mínimo 1 e máximo 6,  $M = 2.26$  e desvio padrão 1.1. De acordo com as médias apresentadas, os/as estudantes apresentam mais heteronormatividade do que homopatologização.

## ***d2. Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina (QOHM)***

Seguidamente, através da AFE do *QOHM* foram eliminados os itens 1, 13 e 23 por saturarem em vários fatores e por possuírem a carga fatorial entre si muito abaixo do recomendado (i.e., .150) (Worthington & Whittaker, 2006). Os itens 2, 3 e 10 foram também eliminados devido ao facto de serem itens que mantinham o valor do *Alpha de Cronbach* mais baixo. Por fim, a AFE final expôs três fatores. O item 8 saturou no fator 1 e 2, mas devido a ter a uma carga fatorial de .140, próxima da recomendada, decidiu-se manter o item e integrá-lo apenas no segundo fator, como se pode observar na Tabela 4. O valor da variância total é de 61.78%, o teste de Esfericidade de *Bartlett* apresentou um  $p < .000$ , e o valor do *KMO* é de .90.

O primeiro fator explica 43.11% da variância e agrupa os itens 19, 15, 12, 20, 5 e 7, o segundo fator explica 11.17% da variância e compila os itens 6, 4, 9, 16, 8, 17 e 22, e por fim o terceiro fator explica 7.49% da variância e reúne os restantes itens: 21, 14 e 18.

O primeiro fator (*Homonegatividade*) agrupa itens que transmitem crenças negativas e discriminação acerca da homossexualidade masculina, o segundo (*Visibilidade e Expressão de Género*) agrupa itens que vão contra a exposição da homossexualidade masculina em sociedade e expressão de género e, por fim, o fator *Transgressão de Papéis de Género* agrupa itens que remetem para a noção de que determinados comportamentos não normativos indicam uma orientação sexual diferente da normativa: heterossexual.

Tabela 7. Estrutura Fatorial do Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina

Itens	Fatores		
	1	2	3
19. Sentir-me-ia desconfortável se soubesse que o professor da minha filha fosse gay.	<b>.836</b>	.220	.094
15. Os homens que são homossexuais não tiveram uma educação adequada.	<b>.802</b>	.379	.106
12. Os gays são homossexuais porque nunca encontraram a mulher certa.	<b>.778</b>	.335	.052
20. Nas eleições, não votaria num candidato que fosse gay.	<b>.767</b>	.333	.096
5. Sentir-me-ia desconfortável se soubesse que o professor do meu filho fosse gay.	<b>.741</b>	.062	.259
7. Sentir-me-ia pouco à vontade se descobrisse que o meu médico não era heterossexual.	<b>.714</b>	.191	.124
6. Os gays devem conter as suas demonstrações de afeto em locais públicos.	.292	<b>.709</b>	-.076
4. No fundo, os homens homossexuais gostavam de ser mulheres.	.174	<b>.680</b>	.204
9. Não tenho nada contra gays desde que não sejam muito femininos.	.124	<b>.661</b>	.251
16. Os homens homossexuais têm mais dificuldade em estabelecer relações amorosas duradouras.	.211	<b>.655</b>	.150
8. É errado os homens homossexuais manifestarem afeto uns pelos outros à frente de crianças.	.502	<b>.642</b>	.086
17. Nos casais gay, há sempre um que faz de “homem” e outro de “mulher”.	.200	<b>.589</b>	.389
22. Os homens homossexuais são mais promíscuos.	.298	<b>.520</b>	.260
21. Se visse dois homens de mão dada assumia, automaticamente, que eram homossexuais.	.022	.093	<b>.840</b>
14. Se visse um rapaz maquilhado assumiria que era homossexual.	.148	.240	<b>.791</b>
18. Se um rapaz me dissesse que gostava de fazer ballet eu desconfiaria que esse rapaz era homossexual.	.222	.213	<b>.652</b>
<b>Percentagem de Variância de Explicada</b>	43.11	11.17	7.48
<b>Alpha de Cronbach</b>	.89	.83	.72
<b>Média</b>	1.2	1.68	2.56
<b>Desvio Padrão</b>	.6	.85	1.16
<b>Mínimo</b>	1	1	1
<b>Máximo</b>	6	5.71	6

O valor do *Alpha de Cronbach* do fator *Homonegatividade* foi .89, o do fator *Visibilidade e Expressão de Género* foi .83., e o do fator *Transgressão de Papéis de Género* foi .72, indicando assim que todos têm uma consistência interna adequada.

A análise descritiva do fator *Homonegatividade* indica um valor mínimo 1 e máximo 6,  $M = 1.2$  e desvio padrão  $.6$ . O fator *Visibilidade e Expressão de Género* tem como valor mínimo 1 e máximo 5.71,  $M = 1.68$  e desvio padrão  $.85$ . Por último, o fator *Transgressão de Papéis de Género* tem como mínimo 1 e máximo 6,  $M = 2.56$  e desvio padrão de  $1.16$ . Observando as médias dos diferentes fatores, é possível inferir que os/as estudantes acreditam que comportamentos não normativos indicam uma orientação sexual bissexual ou homossexual.

### ***d3. Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina (QOHF)***

Finalmente, a última AFE indica os fatores do *QOHF*. Depois de várias tentativas, foram eliminados os itens 1, 2 e 6 para que o valor do *Alpha de Cronbach* fosse mais elevado, e foram também eliminados os itens 13 e 17, pois ambos os itens formavam um fator com baixa consistência interna (i.e., *Alpha de Cronbach* inferior a  $.70$ ). Os itens 11 e 21 também foram eliminados, por saturarem em dois fatores com uma carga fatorial muito inferior a  $.150$ . Por fim, o item 9 satura em dois fatores, mas devido à diferença entre as cargas fatoriais, decidiu-se manter o item no fator 1.

O valor da variância total é de  $63.78\%$ , o teste de Esfericidade de *Bartlett* apresentou um  $p < .000$ , e o valor do *KMO* é de  $.93$ .

O primeiro fator explica  $55.23\%$  da variância e agrupa os itens 19, 15, 12, 20, 5 e 7, e o segundo fator explica  $8.55\%$  da variância, reunindo os restantes itens: 6, 4, 9, 1.

O primeiro fator, denominado de *Homonegatividade e Transgressão de Papéis de Género* reúne itens que remetem para situações de rejeição da homossexualidade feminina e para a ideia de que determinados comportamentos não normativos indicam uma orientação sexual diferente da heterossexual. O segundo e último fator, *Visibilidade e Expressão de Género* une itens que vão contra a exposição da homossexualidade feminina em sociedade e expressão de género.

Tabela 8. Estrutura Fatorial do Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina

Itens	Fatores	
	1	2
10. As mulheres que são homossexuais não tiveram uma educação adequada.	<b>.879</b>	.258
20. As lésbicas são homossexuais porque perderam o respeito pelos valores morais da sociedade.	<b>.822</b>	.258
14. Nas eleições, não votaria numa candidata que fosse lésbica.	<b>.822</b>	.273
7. As lésbicas são homossexuais porque nunca encontraram o homem certo.	<b>.811</b>	.295
16. Se a minha filha fosse lésbica pedia-lhe que não contasse nem à minha família nem aos/às meus/minhas amigos/as.	<b>.790</b>	.366
9. Quando vejo mulheres vestidas de forma mais masculina do que homens, sinto-me desconfortável.	<b>.581</b>	.450
18. As lésbicas são mais promíscuas.	<b>.574</b>	.343
19. Se a minha filha fosse homossexual, preferia que não fosse muito masculina.	.251	<b>.812</b>
8. Se pudesse escolher, preferia que a minha filha não fosse homossexual.	.204	<b>.806</b>
5. Não tenho nada contra lésbicas, desde que não sejam muito masculinas.	.219	<b>.733</b>
4. É errado as mulheres lésbicas manifestarem afeto umas pelas outras à frente de crianças.	.469	<b>.689</b>
15. Incomodar-me-ia se visse duas mulheres a beijarem-se.	.387	<b>.648</b>
12. Nos casais de lésbicas há sempre uma que faz de “homem” e outra de “mulher”.	.254	<b>.604</b>
3. As lésbicas devem conter as suas demonstrações de afeto em locais públicos.	.341	<b>.590</b>
<b>Percentagem de Variância de Explicada</b>	55.23	8.55
<b>Alpha de Cronbach</b>	.91	.87
<b>Média</b>	1.23	1.75
<b>Desvio Padrão</b>	.59	1.02
<b>Mínimo</b>	1	1
<b>Máximo</b>	6	5.71

O valor do *Alpha de Cronbach* do fator *Homonegatividade e Transgressão de Papéis de Género* foi .91, o do fator *Visibilidade e Expressão de Género* foi .87, indicando assim que ambos têm uma consistência interna adequada.

Por último, foi realizada a análise descritiva dos dois fatores do *QOOS*. O fator *Homonegatividade e Transgressão de Papéis de Género* tem como valor mínimo 1 e

máximo 6,  $M = 1.23$  e o seu desvio padrão é de  $.59$ . O fator *Visibilidade e Expressão de Género* tem como mínimo 1 e máximo 5.71,  $M = 1.75$  e desvio padrão de  $1.02$ . As médias de ambos os fatores são próximas, mas indicam que existem mais estudantes que estão contra a visibilidade e expressão de género do que estudantes que rejeitam a homossexualidade feminina e a ideia de que determinados comportamentos não normativos não impliquem uma orientação sexual diferente da heterossexual.

## **Procedimentos**

### ***a. Recolha de dados***

A recolha de dados foi concretizada totalmente online. Para tal, criou-se um formulário intitulado *Questionário de Atitudes face à Adoção e Educação por parte de Casais do mesmo género* no programa *Google Forms*, que reunia todos os instrumentos utilizados. A declaração de consentimento informado foi introduzida na primeira página do formulário, explicando qual o objetivo geral do estudo, qual o tempo estimado de preenchimento do questionário e assegurando sempre os princípios éticos da investigação.

Posteriormente, o questionário foi enviado a todos/as os/as estudantes da Universidade de Évora através da sua *mailing list*, em duas datas distintas, com um intervalo de duas semanas, para obter o maior número de respostas possível.

Foram recolhidos 331 questionários, mas eliminaram-se 4 participantes que responderam “outros” em relação ao género e 16 participantes que responderam “outros” ou “não sei” no tipo de orientação sexual com que se identificam. Estas eliminações ocorreram por não ser possível elaborar nenhuma conclusão específica acerca destes/as participantes.

### ***b. Análise de dados***

Após o processo de validação e verificação da fiabilidade dos instrumentos, foram realizadas análises inferenciais com o intuito de responder às questões de investigação. Desta forma, foram feitas análises descritivas das questões focadas na opinião sobre a

adoção e educação por parte de casais do mesmo gênero e foram concretizados diferentes testes paramétricos para comparar as médias das diferentes variáveis.

Depois da verificação dos pressupostos de normalidade, percebeu-se que existe ausência de normalidade e não homogeneidade de variâncias. Decidiu-se proceder à análise com testes paramétricos e não-paramétricos de forma a comparar os resultados. Tendo estes sido semelhantes, optou-se assim por utilizar os testes paramétricos uma vez que estes demonstram maior robustez na apresentação de resultados, comparativamente com os testes não-paramétricos, mesmo quando há violação daqueles pressupostos (Marôco, 2007). O teste *t* apresenta resultados para ambas as situações, ou seja, para quando a suposição não é violada e para quando é (Pallant, 2005) e também o teste ANOVA apresenta resultados robustos nestes casos, apesar de idealmente ser utilizada apenas quando existe homogeneidade de variâncias (Marôco, 2007; Shingala & Rajyaguru, 2015). O resultado F, que mostra se existe ou não diferenças significativas nas médias dos grupos, não foi utilizado, pois foi substituído pelo resultado de Welch, recomendado quando não existe homogeneidade de variâncias (Anderson, 2001; Field, 2018).

A escolha de teste *Post-Hoc* para descobrir quais as médias dos grupos que diferem foi feita com base no propósito de reduzir o erro Tipo I ( $\alpha$ ), que indica que existe efeito na população quando na verdade não existe. Esta redução é feita através do ajuste do nível de significância de forma que a taxa geral deste erro seja .05 em todas as comparações (Field, 2018). Assim, utilizou-se o teste *Bonferroni*, mesmo tendo o senão de possuir pouca potência estatística (Marôco, 2007), o que levou à utilização de um outro teste *Post-Hoc* numa situação particular, LSD, que apesar de não controlar tão bem o erro Tipo I, tem maior potência estatística. Este teste foi utilizado aquando descobertas divergências nos resultados da ANOVA e *Post-Hoc* de *Bonferroni*, ou seja, a ANOVA mostrava diferenças estatisticamente significativas nas médias dos grupos, mas o teste *Post-Hoc* não, apesar dos resultados se aproximarem de .05.

Também se deu particular atenção ao valor  $\eta^2$  para perceber o efeito da força da relação entre as variáveis. Este valor varia de 0 a 1, sendo que se considera que existe um efeito pequeno na força da relação entre as variáveis quando  $\eta^2 < .06$ , moderado quando o valor se encontra entre .06 e .14 e, por fim, grande quando se encontra acima de .14 (Pallant, 2005).

Em suma, foram então realizados testes *t* para comparar médias de duas variáveis independentes (i.e., mais de duas), testes *one-way* ANOVA para comparar médias de várias variáveis independentes, com posterior utilização do teste *Post-Hoc* de *Bonferroni* para obtenção de uma análise detalhada das diferenças entre as médias dos grupos (Marôco, 2007) para todas as ANOVAS, com exceção da comparação de médias dos grupos de proximidade a pessoas homossexuais no fator Transgressão de Papéis de Género masculina, tendo-se utilizado o teste LSD.

Por fim, foram também realizadas análises de correlações através da análise do Coeficiente de Correlação de Pearson, pois este permite explorar a relação entre duas variáveis intervalares (Pallant, 2005). Neste caso, permitirá perceber de que forma é que os fatores dos vários questionários estão relacionados e se essa relação é positiva ou negativa. Quando esta é positiva, significa que conforme uma variável aumenta, a outra também aumenta, mas quando é negativa indica que enquanto uma variável aumenta, a outra diminui (Pallant, 2005). As interpretações dos resultados seguiram as diretrizes de Cohen (1988), sendo que o valor de *r* pode variar de -1 a 1 e quando este se encontra entre .10 e .29 (ou -.10 e -.29) é considerado baixo, revelando uma fraca associação, quando se encontra entre .30 e .49 (ou -.30 e -.49) é considerado moderado e, por fim, um valor de *r* entre .50 a 1 (ou -.50 e -1) é considerado alto, ou seja, releva uma forte associação entre os fatores (Pallant, 2005).

Todas as análises foram realizadas através do Programa de Análise Estatística SPSS, versão 24.0.

### **3. Apresentação e Análise dos Resultados**

#### **Resposta às questões de investigação**

##### ***1. Qual o grau de aceitação dos/as estudantes relativamente à adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género?***

Como se pode verificar pela Tabela 9, a grande maioria dos/as participantes concorda com a adoção e educação por parte de casais do mesmo género (cima de 70% de concordância total). Ainda assim, o número de aceitação total não é unânime nas duas vertentes, sendo que mais alunos/as concordam totalmente com a adoção (77.5 %) do que com a educação (71.6%).

Tabela 9. Análise descritiva da opinião dos/as estudantes sobre adoção e educação por parte de casais do mesmo género

	<b>Adoção</b> <i>n</i> (%)	<b>Educação</b> <i>n</i> (%)
<b>Concorda Totalmente</b>	250 (77.5%)	237 (71.6%)
<b>Concorda Muito</b>	33 (10%)	44 (13.3%)
<b>Concorda Pouco</b>	22 (6.6%)	26 (7.8%)
<b>Não Concorda nem Discorda</b>	14 (4.2%)	11 (3.3%)
<b>Discorda Pouco</b>	7 (2.1%)	10 (3%)
<b>Discorda Muito</b>	3 (.9%)	1 (.3%)
<b>Discorda Totalmente</b>	2 (.6%)	2 (.6%)

2. *Existem diferenças na aceitação dos/as estudantes sobre a adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género de acordo com: 2.1. o seu género; 2.2. a sua orientação sexual; 2.3. a sua idade; 2.4. o seu nível de religiosidade; 2.5. a sua posição política; 2.6. o seu grau de proximidade com pessoas homossexuais?*

*a. Diferenças de médias na aceitação da adoção e educação por casais do mesmo género em função do género*

De acordo com a tabela 10, existem diferenças significativas entre as médias do grupo de homens ( $M = 7.49$  e  $M = 7.55$ , respetivamente) e mulheres ( $M = 8.54$  e  $M = 8.48$ , respetivamente) no que respeita a opinião sobre a Adoção ( $p < .001$ ) e Educação ( $p = .001$ ). Esta análise mostra que os estudantes homens aceitam menos a adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género do que as estudantes mulheres.

Tabela 10. Comparação de médias na aceitação da adoção e educação por casais do mesmo género em função do género (t-test)

<b>Opinião</b>	<b>Género</b>		<i>t</i>	<i>p</i>
	<b>Feminino</b> Média (DP)	<b>Masculino</b> Média (DP)		
<i>Adoção</i>	8.54 (1.225)	7.49 (2.163)	3.789	<.001
<i>Educação</i>	8.48 (1.167)	7.55 (2.105)	3.477	.001

***b. Diferença de médias na aceitação da adoção e educação por casais do mesmo género em função da orientação sexual***

Como se pode observar na tabela 11, existem diferenças significativas entre as médias do grupo de pessoas heterossexuais (M = 8.19 e M = 8.16) e LGB (M = 8.89 e M = 8.85) no que respeita a opinião sobre a Adoção ( $p < .001$ ) e Educação ( $p < .001$ ), significando assim que existem menos pessoas heterossexuais a concordar com a adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género do que pessoas LGB.

Tabela 11. Comparação de médias na aceitação da adoção e educação por casais do mesmo género em função da orientação sexual (t-test)

Opinião	Orientação Sexual		t	p
	Heterossexual Média (DP)	LGB Média (DP)		
Adoção	8.19 (1.656)	8.89 (.372)	6.071	<.001
Educação	8.16 (1.583)	8.85 (.359)	6.252	<.001

***c. Diferença de médias na aceitação da adoção e educação por casais do mesmo género em função da idade***

Como se pode observar na tabela 12, existem diferenças nas médias entre os grupos de idades ( $p < .05$ ). De acordo com o teste *Post-Hoc*, a média do grupo que difere é a do de idade > 30 anos (M = 7.34 e M = 7.53, respetivamente), não só acerca da opinião sobre Adoção ( $p < .001$  quando comparada à média do grupo de idades  $\leq 20$  anos (M = 8.53) e 21-30 (M = 8.38)), mas também sobre Educação ( $p = .003$  quando comparada à média do grupo de idades  $\leq 20$  anos (M = 8.42) e  $p = .004$  quando comparada à média do grupo de idades 21-30 (M = 8.37)). De acordo com as *guidelines* de Cohen para a observação do efeito da força da relação entre as variáveis, as diferenças encontradas têm um efeito pequeno na força da relação entre as variáveis ( $\eta^2 < .06$ ).

Não existem diferenças significativas entre as médias dos outros dois grupos de idades.

Assim, depreende-se que estudantes mais velhos (> 30 anos) não concordam tanto com a adoção e educação de crianças por casais do mesmo género, em comparação com os/as estudantes com menos de 30 anos.

Tabela 12. Comparação de médias na aceitação da adoção e educação por casais do mesmo género em função da idade (ANOVA)

Opinião	Idade			F	$\eta^2$	p
	≤ 20 M(DP)	21-30 M(DP)	> 30 M(DP)			
Adoção	8.53 (1.283)	8.38 (1.414)	7.34 (2.257)	4.803	.058	.01
Educação	8.42 (1.332)	8.37 (1.366)	7.53 (2.01)	3.317	.037	.041

**d. Diferença de médias na aceitação da adoção e educação por parte de casais do mesmo género em função do nível de religiosidade**

De acordo com a tabela 13, existem diferenças nas médias entre os grupos de nível de religiosidade ( $p < .05$ ). De acordo com o teste *Post-Hoc*, ao média do grupo que difere é a do que se intitula de Muito Religioso (M = 7.22 e M = 7.22), não só acerca da opinião sobre Adoção ( $p < .001$ ), mas também sobre Educação ( $p < .001$ ), quando comparada com a de ambos os outros grupos. De acordo com as *guidelines* de Cohen para a observação do efeito da força da relação entre as variáveis, as diferenças encontradas têm um efeito moderado na força da relação entre as variáveis ( $.06 < \eta^2 < .14$ ).

Não existem diferenças significativas entre as médias dos outros dois grupos.

Tabela 13. Comparação de médias na aceitação da adoção e educação por parte de casais do mesmo género em função do nível de religiosidade (ANOVA)

Opinião	Posição Religiosa			F	$\eta^2$	p
	NR M(DP)	MDR M(DP)	MR M(DP)			
Adoção	8.51 (1.319)	8.53 (1.142)	7.22 (2.248)	7.613	.094	.001
Educação	8.46 (1.225)	8.53 (1.071)	7.22 (2.239)	7.46	.098	.001

Legenda: NR = Nada Religioso/a, MDR = Moderadamente Religioso/a, MR = Muito Religioso/a

Esta análise permite constatar que pessoas que sejam mais religiosas aprovam menos a adoção e a educação de crianças por parte de casais do mesmo género, em comparação com pessoas moderadamente e nada religiosas.

***e. Diferença de médias na aceitação da adoção e educação por parte de casais do mesmo género em função da posição política***

A tabela 14 indica que existem diferenças nas médias entre os grupos que dizem respeito à posição política ( $p < .05$ ). De acordo com o teste *Post-Hoc*, a média do grupo que difere é a de posição política mais à direita ( $M = 6.76$  e  $M = 6.9$ ), não só acerca da opinião sobre Adoção ( $p < .001$  quando comparada à média dos grupos de posição política de centro ( $M = 8.37$ ) e esquerda ( $M = 8.6$ )), mas também sobre Educação ( $p < .001$  quando comparada à média dos grupos de posição política de centro ( $M = 8.3$ ) e esquerda ( $M = 8.67$ )). De acordo com as *guidelines* de Cohen para a observação do efeito da força da relação entre as variáveis, as diferenças encontradas têm um efeito moderado na força da relação entre as variáveis ( $.06 < \eta^2 < .14$ ).

Não existem diferenças significativas entre as médias dos outros dois grupos.

Assim, os/as estudantes com uma posição política mais de direita destacam-se por não concordarem tanto com a adoção e educação de crianças por casais do mesmo género, em comparação com os/as estudantes com posições políticas de centro e esquerda.

*Tabela 14. Comparação de médias na aceitação da adoção e educação por parte de casais do mesmo género em função da posição política (ANOVA)*

Opinião	Posição Política			F	$\eta^2$	p
	ESQ M(DP)	CTR M(DP)	DRT M(DP)			
Adoção	8.6 (.908)	8.37 (1.465)	6.76 (2.625)	5.461	.077	.007
Educação	8.67 (.803)	8.3 (1.399)	6.9 (2.625)	7.071	.074	.002

*Legenda: ESQ = Esquerda, CTR = Centro, DRT = Direita*

***f. Diferença de médias na aceitação da adoção e educação por casais do mesmo género em função da proximidade a pessoas homossexuais***

Também a tabela 15 indica que existem diferenças nas médias entre os grupos que dizem respeito à proximidade a pessoas homossexuais ( $p < .05$ ). De acordo com o teste *Post-Hoc*, a média do grupo muito próximo ( $M = 8.65$ ) difere da média do grupo nada próximo ( $M = 7.64$ ;  $p = .017$ ) e da média do grupo moderadamente próximo ( $M = 7.83$ ;  $p < .001$ ), no que concerne a opinião sobre Adoção. No que respeita a opinião sobre Educação, a média do grupo muito próximo ( $M = 8.59$ ) difere da média do grupo nada próximo ( $M = 7.59$ ;  $p = .013$ ) e do grupo moderadamente próximo ( $M = 7.85$ ;  $p = .001$ ). De acordo com as *guidelines* de Cohen para a observação do efeito da força da relação entre as variáveis, as diferenças encontradas têm um efeito moderado na força da relação entre as variáveis ( $.06 < \eta^2 < .14$ ).

Através desta análise é possível perceber que o grupo de estudantes que mais concorda com a adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género é o grupo que tem uma relação mais próxima com pessoas homossexuais, e o grupo de estudantes que menos concorda é o que não tem qualquer relação de proximidade com pessoas homossexuais.

Tabela 15. Comparação de médias na aceitação da adoção e educação por casais do mesmo género em função da proximidade a pessoas homossexuais (ANOVA)

Opinião	Proximidade a pessoas Homossexuais				F	$\eta^2$	p
	NP M(DP)	PP M(DP)	MMP M(DP)	MP M(DP)			
Adoção	7.64 (1.965)	8.07 (1.609)	7.83 (1.96)	8.65 (1.119)	6.12	.069	.001
Educação	7.59 (2.062)	8.11 (1.618)	7.85 (1.787)	8.59 (1.09)	5.493	.064	.002

Legenda: NP = Nada Próximo/a, PP = Pouco Próximo/a, MMP = Moderadamente Próximo/a, MP = Muito Próximo/a

Após a análise destes resultados, é possível compreender que existem diferenças nas opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género de acordo com o seu género, orientação sexual, idade, nível de

religiosidade, posição política e também consoante o seu grau de relacionamento com pessoas homossexuais.

**3. Existem diferenças nas opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género, de acordo com: 3.1. o seu género; 3.2. a sua orientação sexual; 3.3. a sua idade; 3.4. o seu nível de religiosidade; 3.5. a sua posição política; 3.6. o seu grau de proximidade com pessoas homossexuais?**

**a. Diferenças de médias na opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género em função do género**

De acordo com a tabela 16, existem diferenças significativas entre as médias do grupo de homens (M = 2.14 e M = 3.76, respetivamente) e mulheres (M = 1.6 e M = 3.55, respetivamente) no que respeita o Heterossexismo ( $p = .001$ ). Não existiram diferenças significativas entre as médias dos dois grupos no que respeita a Discriminação Familiar e Social. Assim, observa-se que os homens estudantes apresentam maior nível de heterossexismo do que as mulheres estudantes.

Tabela 16. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género em função do género (t-test)

Fatores	Género		t	p
	Feminino Média (DP)	Masculino Média (DP)		
<i>Heterossexismo</i>	1.6 (.69)	2.14 (1.22)	3.466	.001
<i>Discriminação Familiar e Social</i>	3.55 (.95)	3.76 (.86)	1.642	.102

**b. Diferença de médias nas opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género em função da orientação sexual**

Foram observadas diferenças significativas entre as médias do grupo heterossexual (M = 1.8 e M = 3.53, respetivamente) e LGB (M = 1.32 e M = 3.89, respetivamente) quando comparadas ao nível de Heterossexismo ( $p < .001$ ) e de Discriminação Familiar e Social ( $p = .01$ ). Conclui-se assim que, em comparação com

estudantes LGB, os/as estudantes heterossexuais apresentam um maior nível de heterossexismo, mas são os/as estudantes LGB que acreditam mais fortemente que casais do mesmo género que adotem e/ou eduquem crianças sofram mais discriminação por parte da própria família e da sociedade.

Tabela 17. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género em função da orientação sexual (t-test)

Fatores	Orientação Sexual		t	p
	Heterossexual Média (DP)	LGB Média (DP)		
<i>Heterossexismo</i>	1.8 (.92)	1.32 (.31)	6.722	<.001
<i>Discriminação Familiar e Social</i>	3.53 (.93)	3.89 (.91)	2.607	.01

Legenda: LGB = Lésbica, Gay ou Bissexual

### ***c. Diferença de médias opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género em função da idade***

Observando a tabela 18, é possível perceber que existem diferenças significativas nas médias entre os grupos que dizem respeito à idade ( $p < .05$ ). De acordo com o teste *Post-Hoc*, a média do grupo de idade superior a 30 anos ( $M = 2.11$ ) difere da média dos outros dois grupos ( $p = .044$  comparando com a média do grupo de idade igual ou inferior a 20 anos ( $M = 1.72$ ) e  $p = .005$  comparando com a média do grupo de idade compreendida entre 21 e 30 ( $M = 1.62$ )) no que concerne o fator Heterossexismo. No que respeita a Discriminação Familiar e Social, a média do grupo de idades entre 21 e 30 anos ( $M = 3.47$ ) difere da média do grupo de maiores de 30 anos ( $p = .018$ ;  $M = 3.94$ ). De acordo com as *guidelines* de Cohen para a observação do efeito da força da relação entre as variáveis, as diferenças encontradas têm um efeito pequeno na força da relação entre as variáveis ( $\eta^2 < .06$ ).

Pode-se assim constatar que alunos/as com mais de 30 anos apresentam um maior nível de heterossexismo e acreditam mais fortemente que casais do mesmo género que adotem e/ou eduquem crianças sofram mais discriminação por parte da própria família e da sociedade. Os/as estudantes que demonstram menos nível de heterossexismo e discriminação familiar e social são os/as que se encontram entre os 21 e os 30 anos. Este fenómeno poderá dever-se ao facto de serem alunos/as que poderão frequentar a

universidade há mais tempo e também integrar a comunidade académica, o que ajuda a conhecer mais pessoas (podendo estas terem outras orientações sexuais que não a sua).

Tabela 18. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género em função da idade (ANOVA)

Fatores	Idade			F	$\eta^2$	p
	≤ 20 M(DP)	21-30 M(DP)	> 30 M(DP)			
Heterossexismo	1.72 (.912)	1.62 (.749)	2.11 (1.02)	3.866	.031	.024
Discriminação Familiar e Social	3.64 (1.002)	3.47 (.888)	3.94 (.831)	4.764	.026	.01

***d. Diferença de médias nas a opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género em função do nível de religiosidade***

Existem diferenças significativas nas médias entre os grupos que dizem respeito à posição religiosa no fator Heterossexismo ( $p = .001$ ) e Discriminação Familiar e Social ( $p = .012$ ). De acordo com o teste *Post-Hoc*, a média do grupo muito religioso ( $M = 2.33$ ) difere da média dos outros dois grupos relativamente ao fator Heterossexismo ( $p < .001$  comparando com a média do grupo nada religioso ( $M = 1.59$ ) e  $p < .001$  comparando com a média do grupo moderadamente religioso ( $M = 1.63$ )). Em relação ao fator Discriminação Familiar e Social, a média do grupo muito religioso ( $M = 3.94$ ) também difere da média de ambos os outros grupos ( $NR = 3.56$ ;  $p = .033$ ;  $MDR = 3.44$ ;  $p = .01$ ).

De acordo com as *guidelines* de Cohen para a observação do efeito da força da relação entre as variáveis, as diferenças encontradas têm um efeito moderado na força da relação entre as variáveis ( $.06 < \eta^2 < .14$ ) relativamente ao fator Heterossexismo, e têm um efeito pequeno na força da relação entre as variáveis ( $\eta^2 < .06$ ) em relação ao fator Discriminação Social e Familiar.

Assim, é possível verificar que estudantes muito religiosos têm um maior nível de heterossexismo e acreditam mais fortemente que casais do mesmo género que adotem e/ou eduquem crianças sofram mais discriminação por parte da própria família e da sociedade.

Tabela 19. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género em função do nível de religiosidade (ANOVA)

Fatores	Posição Religiosa			F	$\eta^2$	p
	NR M(DP)	MDR M(DP)	MR M(DP)			
Heterossexismo	1.59 (.735)	1.63 (.665)	2.33 (1.247)	7.949	.096	.001
Discriminação Familiar e Social	3.56 (.955)	3.44 (.832)	3.94 (.954)	4.568	.029	.012

Legenda: NR = Nada Religioso/a, MDR = Moderadamente Religioso/a, MR = Muito Religioso/a

***e. Diferença de médias nas opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género em função da posição política***

No que concerne a posição política, é possível observar na tabela 20 diferenças significativas nas médias entre os grupos no fator Heterossexismo ( $p < .001$ ). De acordo com o teste *Post-Hoc*, a média do grupo com posição política mais à direita ( $M = 2.71$ ) difere da média dos outros dois grupos ( $p < .001$  comparando com a média do grupo com posição política de centro ( $M = 1.68$ ) e  $p < .001$  comparando com a média do grupo com posição política de esquerda ( $M = 1.51$ )).

De acordo com as *guidelines* de Cohen para a observação do efeito da força da relação entre as variáveis, as diferenças encontradas têm um efeito moderado na força da relação entre as variáveis ( $.06 < \eta^2 < .14$ ).

Não foram observadas diferenças de médias entre grupos no fator Discriminação Familiar e Social, querendo dizer que a posição política dos/as estudantes não é um fator de diferenciação na opinião em relação à discriminação que casais do mesmo género que adotem e/ou eduquem crianças sofram por parte da própria família e da sociedade. Contudo, verifica-se que estudantes com uma posição política mais de direita têm um maior nível de heterossexismo, quando comparados/as a estudantes com posição política mais de esquerda e centro.

Tabela 20. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género em função da posição política (ANOVA)

Fatores	Posição Política			F	$\eta^2$	p
	ESQ M(DP)	CTR M(DP)	DRT M(DP)			
Heterossexismo	1.51 (.567)	1.68 (.791)	2.71 (1.497)	18.598	.103	.002
Discriminação Familiar e Social	3.65 (.899)	3.54 (.924)	4.02 (1.098)	1.534	.017	.136

Legenda: ESQ = Esquerda, CTR = Centro, DRT = Direita

***f. Diferença de médias nas opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género em função da proximidade a pessoas homossexuais***

Ao analisar as médias dos grupos em relação à proximidade a pessoas homossexuais e compará-las às dos fatores do *QOAE* é possível notar diferenças significativas nas médias entre os grupos no fator Heterossexismo ( $p < .001$ ). De acordo com o teste *Post-Hoc*, a média do grupo muito próximo a pessoas homossexuais ( $M = 1.51$ ) difere da média de dois dos outros grupos ( $p = .001$  comparando com a média do grupo nada próximo a pessoas homossexuais ( $M = 2.23$ ) e  $p < .001$  comparando com a média do grupo moderadamente próximo a pessoas homossexuais ( $M = 2.01$ )).

De acordo com as *guidelines* de Cohen para a observação do efeito da força da relação entre as variáveis, as diferenças encontradas têm um efeito moderado na força da relação entre as variáveis ( $.06 < \eta^2 < .14$ ).

Não foram observadas diferenças de médias entre grupos no fator Discriminação Familiar e Social.

Assim, é possível perceber que estudantes que sejam muito próximos/as de pessoas homossexuais têm um menor nível de heterossexismo, em comparação com os outros grupos. O segundo grupo menos heterossexista é o grupo pouco próximo de pessoas homossexuais, não tendo diferenças significativas quando comparado ao grupo muito próximo de pessoas homossexuais.

Tabela 21. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes sobre adoção e educação de crianças por parte de casais do mesmo género em função do grau de proximidade a pessoas homossexuais (ANOVA)

Fatores	Proximidade a Pessoas Homossexuais				F	$\eta^2$	p
	NP M(DP)	PP M(DP)	MMP M(DP)	MP M(DP)			
<i>Heterossexismo</i>	2.23 (1.114)	1.83 (1.083)	2.01 (1.005)	1.51 (.63)	8.249	.091	<.001
<i>Discriminação Familiar e Social</i>	3.95 (1.083)	3.74 (1.019)	3.59 (.969)	3.53 (.891)	1.357	.015	.265

Legenda: NP = Nada Próximo/a, PP = Pouco Próximo/a, MMP = Moderadamente Próximo/a, MP = Muito Próximo/a

**4. Existem diferenças nas opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade, de acordo com: 4.1. o seu género; 4.2. a sua orientação sexual; 4.3. a sua idade; 4.4. o seu nível de religiosidade; 4.5. a sua posição política; 4.6. o seu grau de proximidade com pessoas homossexuais?**

**a. Diferenças de médias nas opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade em função do género**

Foram observadas diferenças significativas entre as médias do grupo de homens (M = 2.7 e M = 3.69, respetivamente) e mulheres (M = 2.23 e M = 4.24, respetivamente) quando comparadas ao nível dos Papéis de Género Tradicionais na Parentalidade ( $p = .001$ ) e da Conciliação da vida Profissional e Parental ( $p = .011$ ). Não foram observadas diferenças de médias entre grupos nos outros dois fatores.

Desta forma, é possível notar que os homens são os que têm mais crenças tradicionais no que toca aos papéis de género na parentalidade (e.g., a mãe tem mais aptidão para cuidar de crianças do que o pai) e aceitam menos a conciliação da vida profissional com a parental, em comparação com as mulheres estudantes.

Tabela 22. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade em função do género (t-test)

Fatores	Género		t	p
	Feminino Média (DP)	Masculino Média (DP)		
<i>Papéis de Género Tradicionais na Parentalidade</i>	2.23 (1.03)	2.7 (1.15)	3.242	.001
<i>Papéis de Género Igualitários na Parentalidade</i>	5.69 (.56)	5.59 (.46)	1.373	.171
<i>Conciliação vida Profissional/Parental</i>	4.24 (1.57)	3.69 (1.59)	2.557	.011
<i>Priorização da Vida Parental</i>	4.02 (1.34)	4.3 (1.25)	1.547	.123

***b. Diferença de médias nas opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade em função da orientação sexual***

Na tabela 23 existe indicação de diferenças significativas entre as médias do grupo heterossexual (M = 2.41) e LGB (M = 1.97) quando comparadas ao nível dos Papéis de Género Tradicionais na Parentalidade ( $p = .001$ ). Não foram observadas diferenças de médias entre grupos nos outros dois fatores.

Tendo em conta esta análise, compreende-se que estudantes heterossexuais, em comparação com estudantes LGB creem mais fortemente que as mulheres ainda têm um papel muito maior do que os homens no âmbito da parentalidade.

Tabela 23. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade em função da orientação sexual (t-test)

Fatores	Orientação Sexual		t	p
	Heterossexual Média (DP)	LGB Média (DP)		
<i>Papéis de Género Tradicionais na Parentalidade</i>	2.41 (1.09)	1.97 (.91)	3.079	.003
<i>Papéis de Género Igualitários na Parentalidade</i>	5.66 (.56)	5.69 (.46)	.365	.715
<i>Conciliação vida Profissional/Parental</i>	4.09 (1.64)	4.29 (1.33)	.96	.34
<i>Priorização da Vida Parental</i>	4.07 (1.32)	4.13 (1.34)	.319	.75

Legenda: LGB = Lésbica, Gay ou Bissexual

***c. Diferença de médias nas opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade em função da idade***

Existem diferenças significativas nas médias entre os grupos que dizem respeito à idade ( $p = .003$ ), no fator Priorização da Vida Parental. De acordo com o teste *Post-Hoc*, a média do grupo de idade superior a 30 anos ( $M = 3.38$ ) difere da média dos outros dois grupos ( $p = .004$  comparando com a média do grupo de idade igual ou inferior a 20 anos ( $M = 4.16$ ) e  $p = .002$  comparando com a média do grupo de idade compreendida entre 21 e 30 ( $M = 4.18$ )). De acordo com as *guidelines* de Cohen para a observação do efeito da força da relação entre as variáveis, as diferenças encontradas têm um efeito pequeno na força da relação entre as variáveis ( $\eta^2 < .06$ ).

Não existem diferenças significativas entre as médias dos grupos nos restantes fatores.

Estes resultados sugerem assim que estudantes com mais de 30 anos priorizam menos a vida parental do que os restantes grupos de idades. Este resultado pode dever-se ao facto de serem estudantes mais velhos/as, que devido à sua escolha priorizam a vida escolar e/ou profissional.

Tabela 24. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade em função da idade (ANOVA)

Fatores	Idade			F	$\eta^2$	p	
	≤ 20 M(DP)	21-30 M(DP)	> 30 M(DP)				
Papéis de Tradicionais Parentalidade	Género na	2.33 (1.017)	2.25 (1.043)	2.7 (1.272)	2.035	.017	.136
Papéis de Igualitários Parentalidade	Género na	5.68 (.55)	5.7 (.451)	5.51 (.776)	.988	.012	.376
Conciliação Profissional/Parental	vida	4.1 (1.511)	4.11 (1.654)	4.24 (1.593)	.114	<.001	.892
Priorização da Vida Parental		4.16 (1.313)	4.18 (1.294)	3.38 (1.317)	6.023	.038	.003

***d. Diferença de médias nas a opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade em função do nível de religiosidade***

Existem diferenças significativas nas médias entre os grupos que dizem respeito à posição religiosa em relação ao fator Papéis de Género Tradicionais na Parentalidade ( $p = .016$ ). De acordo com o teste *Post-Hoc*, a média do grupo muito religioso ( $M = 2.71$ ) difere da média do grupo nada religioso no que diz respeito aos Papéis de Género Tradicionais na Parentalidade ( $M = 2.19$ ;  $p = .007$ ).

De acordo com as *guidelines* de Cohen para a observação do efeito da força da relação entre as variáveis, as diferenças encontradas têm um efeito pequeno na força da relação entre as variáveis ( $\eta^2 < .06$ ).

Não foram observadas diferenças de médias entre grupos nos outros três fatores.

Assim, é possível verificar que estudantes que sejam muito religiosos tendem a acreditar mais fortemente em papéis de género tradicionais na parentalidade, como por exemplo que as mulheres são mais aptas a cuidar de crianças do que os homens. Verifica-se também que os/as estudantes nada religiosos tendem a crer menos nos papéis de género tradicionais na parentalidade.

Tabela 25. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade em função do nível de religiosidade (ANOVA)

Fatores		Posição Religiosa			F	$\eta^2$	p
		NR M(DP)	MDR M(DP)	MR M(DP)			
Papéis de Tradicionais Parentalidade	Género na	2.19 (.978)	2.42 (1.12)	2.71 (1.225)	4.284	.032	.016
Papéis de Igualitários Parentalidade	Género na	5.7 (.499)	5.58 (.678)	5.66 (.429)	1.033	.359	.359
Conciliação Profissional/Parental	vida	4.16 (1.587)	4.1 (1.608)	4.01 (1.586)	.189	.001	.828
Priorização da Vida Parental		4.02 (1.347)	4.05 (1.288)	4.35 (1.296)	1.251	.008	.29

Legenda: NR = Nada Religioso/a, MDR = Moderadamente Religioso/a, MR = Muito Religioso/a

***e. Diferença de médias nas opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade em função da posição política***

Existem diferenças significativas nas médias entre os grupos que dizem respeito à posição política em relação ao fator Papéis de Género Tradicionais na Parentalidade ( $p = .001$ ). De acordo com o teste *Post-Hoc*, a média do grupo com posição política de direita ( $M = 3.23$ ) difere da média do grupo de posição política de centro ( $M = 2.32$ ;  $p < .001$ ) e de esquerda ( $M = 2.07$ ;  $p < .001$ ) no que diz respeito aos Papéis de Género Tradicionais na Parentalidade.

De acordo com as *guidelines* de Cohen para a observação do efeito da força da relação entre as variáveis, as diferenças encontradas têm um efeito pequeno na força da relação entre as variáveis ( $\eta^2 < .06$ ).

Não foram observadas diferenças de médias entre grupos nos outros três fatores.

Verifica-se assim que os/as estudantes com uma posição política mais à direita tende a crer mais nos papéis de género tradicionais na parentalidade, ao passo que os/as estudantes com uma posição política mais de centro e esquerda não creem tanto neste tipo de papéis de género no que toca a parentalidade.

Tabela 26. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade em função da posição política (ANOVA)

Fatores	Posição Política			F	$\eta^2$	p
	ESQ M(DP)	CTR M(DP)	DRT M(DP)			
<i>Papéis de Género Tradicionais na Parentalidade</i>	2.07 (1.002)	2.32 (1.035)	3.23 (1.201)	.403	.059	.001
<i>Papéis de Género Igualitários na Parentalidade</i>	5.71 (.417)	5.66 (.554)	5.61 (.706)	.441	.002	.648
<i>Conciliação vida Profissional/Parental</i>	4.2 (1.544)	4.11 (1.604)	4.05 (1.619)	.109	<.001	.899
<i>Priorização da Vida Parental</i>	4.17 (1.332)	4.03 (1.303)	4.33 (1.56)	1.428	.004	.568

Legenda: ESQ = Esquerda, CTR = Centro, DRT = Direita

***f. Diferença de médias nas opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade em função da proximidade a pessoas homossexuais***

Como se pode observar na tabela 27, não existem diferenças significativas entre as médias dos grupos de proximidade a pessoas homossexuais e os fatores do QOPGO.

Tabela 27. Comparação de médias das opiniões dos/as estudantes relativamente às suas opiniões sobre papéis de género na parentalidade em função da proximidade a pessoas homossexuais (ANOVA)

Fatores	Proximidade a Pessoas Homossexuais				F	$\eta^2$	p	
	NP M(DP)	NP M(DP)	MMP M(DP)	MP M(DP)				
Papéis de Tradicionalis Parentalidade	Género na	2.57 (1.153)	2.19 (1.174)	2.49 (1.081)	2.26 (1.033)	1.324	.014	.275
Papéis de Igualitários Parentalidade	Género na	5.6 (.482)	5.53 (.698)	5.69 (.427)	5.69 (.563)	.637	.008	.594
Conciliação Profissional/Parental	vida	3.68 (1.729)	4.16 (1.673)	4.13 (1.466)	4.17 (1.614)	.514	.006	.674
Priorização da Parental	Vida	4.41 (1.13)	3.66 (1.552)	4.03 (1.254)	4.12 (1.335)	1.361	.014	.263

Legenda: NP = Nada Próximo/a, PP = Pouco Próximo/a, MMP = Moderadamente Próximo/a, MP = Muito Próximo/a

**5. Existem diferenças nas manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina, de acordo com: 5.1. o seu género; 5.2. a sua orientação sexual; 5.3. a sua idade; 5.4. o seu nível de religiosidade; 5.5. a sua posição política; 5.6. o seu grau de proximidade com pessoas homossexuais?**

***a. Diferenças de médias nas manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina em função do género***

De acordo com a tabela 28, foram observadas diferenças significativas entre as médias do grupo de homens e mulheres em todos os fatores do QOOS, QOHM e QOHF,

sendo que as médias do grupo masculino são mais altas do que as médias do grupo feminino em todos os fatores.

Assim, observa-se que os homens estudantes apresentam maior nível homopatologização, heteronormatividade e homonegatividade masculina, menos tolerância para a visibilidade e expressão de gênero masculina, para a transgressão de papéis de gênero masculinos, mais homonegatividade feminina e menos tolerância para a transgressão de papéis de gênero femininos e também menos tolerância para a visibilidade e expressão de gênero feminina, em comparação com as mulheres. Em geral, os homens mostram maior discriminação do que as mulheres.

Tabela 28. Comparação de médias das manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina em função do gênero (t-test)

Fatores	Gênero		t	p
	Feminino Média (DP)	Masculino Média (DP)		
<i>Homopatologização</i>	1.26 (.59)	1.71 (1.02)	3.511	.001
<i>Heteronormatividade</i>	2.18 (.98)	2.7 (1.44)	2.782	.007
<i>Homonegatividade (masculina)</i>	1.13 (.48)	1.51 (.88)	3.381	.001
<i>Visibilidade e Expressão de Gênero (masculina)</i>	1.58 (.75)	2.18 (1.09)	4.301	<.001
<i>Transgressão de Papéis de Gênero (masculina)</i>	2.5 (1.12)	2.94 (1.27)	2.794	.006
<i>Homonegatividade e Transgressão de Papéis de Gênero (feminina)</i>	1.16 (.48)	1.57 (.86)	3.703	<.001
<i>Visibilidade e Expressão de Gênero (feminina)</i>	1.66 (.91)	2.26 (1.3)	3.561	.001

***b. Diferença de médias nas manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina em função da orientação sexual***

Foram observadas diferenças significativas entre as médias do grupo heterossexual e LGB em todos os fatores do *QOOS*, *QOHM* e *QOHF*, sendo que as

médias do grupo heterossexual são superiores, comparativamente às medias do grupo LGB.

Tendo em conta esta análise, compreende-se que estudantes heterossexuais, em comparação com estudantes LGB, apresentam maior nível de homopatologização, heteronormatividade, homonegatividade masculina, pontuam mais contra a visibilidade e expressão de género masculina e transgressão de papéis de género masculinos, têm mais homonegatividade feminina e também pontuam mais contra a transgressão de papéis de género femininos e visibilidade e expressão de género feminina.

Tabela 29. Comparação de médias das manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina em função da orientação sexual (t-test)

Fatores	Orientação Sexual		t	p
	Heterossexual Média (DP)	LGB Média (DP)		
<i>Homopatologização</i>	1.41 (.78)	1.11 (.24)	4.947	<.001
<i>Heteronormatividade</i>	2.41 (1.15)	1.74 (.73)	5.443	<.001
<i>Homonegatividade (masculina)</i>	1.24 (.66)	1.06 (.22)	3.486	.001
<i>Visibilidade e Expressão de Género (masculina)</i>	1.78 (.92)	1.38 (.44)	4.769	<.001
<i>Transgressão de Papéis de Género (masculina)</i>	2.68 (1.17)	2.19 (1.07)	2.85	.005
<i>Homonegatividade e Transgressão de Papéis de Género (feminina)</i>	1.28 (.66)	1.07 (.12)	4.69	<.001
<i>Visibilidade e Expressão de Género (feminina)</i>	1.9 (1.1)	1.28 (.47)	6.613	<.001

Legenda: LGB = Lésbica, Gay ou Bissexual

***c. Diferença de médias nas manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina em função da idade***

Existem diferenças significativas nas médias entre os grupos que dizem respeito à idade no fator Heteronormatividade ( $p = .004$ ), Visibilidade e Expressão de Género Masculina ( $p = .021$ ) e Visibilidade e Expressão de Género Feminina ( $p = .012$ ). De acordo com o teste *Post-Hoc*, a média do grupo de idade superior a 30 anos ( $M = 2.96$ )

difere da média dos outros dois grupos relativamente ao fator Heteronormatividade ( $p < .001$  comparando com a média do grupo de idade igual ou inferior a 20 anos ( $M = 2.16$ ) e  $p = .001$  comparando com a média do grupo de idade compreendida entre 21 e 30 ( $M = 2.23$ )). Em relação ao fator Visibilidade e Expressão de Género Masculina, a média do grupo de idade superior a 30 anos ( $M = 1.12$ ) também difere da média de ambos os outros grupos ( $M \leq 20 = 1.72$ ;  $p < .001$ ;  $M 21 a 30 = 1.6$ ;  $p = .001$ ) e por fim, o fator Visibilidade e Expressão de Género Feminina também apresenta diferenças nas médias entre o grupo de idade  $> 30$  ( $M = 2.32$ ) e os outros dois grupos ( $M \leq 20 = 1.76$ ;  $p = .009$ ;  $M 21 a 30 = 1.68$ ;  $p = .002$ ).

De acordo com as *guidelines* de Cohen para a observação do efeito da força da relação entre as variáveis, as diferenças encontradas têm um efeito pequeno na força da relação entre as variáveis ( $\eta^2 < .06$ ).

Não existem diferenças significativas entre as médias dos grupos nos restantes fatores.

Tabela 30. Comparação de médias das manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina em função da idade (ANOVA)

Fatores	Idade			F	$\eta^2$	p
	$\leq 20$ M(DP)	21-30 M(DP)	$> 30$ M(DP)			
<i>Homopatologização</i>	1.44 (.878)	1.26 (.607)	1.48 (.595)	3.119	.017	.048
<i>Heteronormatividade</i>	2.16 (1.06)	2.23 (1.052)	2.96 (1.326)	5.815	.051	.004
<i>Homonegatividade (masculina)</i>	1.22 (.733)	1.19 (.537)	1.25 (.458)	.202	<.001	.817
<i>Visibilidade e Expressão de Género (masculina)</i>	1.72 (.844)	1.6 (.803)	1.12 (1.095)	4.007	.036	.021
<i>Transgressão de Papéis de Género (masculina)</i>	2.62 (1.206)	2.63 (1.161)	2.37 (1.056)	.934	.005	.396
<i>Homonegatividade e Transgressão de Papéis de Género (feminina)</i>	1.29 (.771)	1.21 (.479)	1.27 (.443)	.618	.004	.541
<i>Visibilidade e Expressão de Género (feminina)</i>	1.76 (1.043)	1.68 (.95)	2.32 (1.2)	4.647	.038	.012

Estes resultados sugerem assim que estudantes com mais de 30 anos são mais heteronormativos e, apesar de ser o grupo que mais pontua contra a exposição da homossexualidade feminina em sociedade e expressão de género, no entanto é o que pontua menos contra a exposição da homossexualidade masculina, sendo o grupo com idade ou inferior a 20 anos que mostra mais ser contra (apesar de não ter diferenças significativas comparativamente ao grupo de idades entre 21 e 30).

***d. Diferença de médias nas manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina em função do nível de religiosidade***

Existem diferenças significativas nas médias entre os grupos que dizem respeito à posição religiosa em relação todos os fatores do *QOOS*, *QOHM* e *QOHF* ( $p < .05$ ).

De acordo com o teste *Post-Hoc*, a média do grupo muito religioso ( $M = 1.87$ ) difere da média dos outros dois grupos no que diz respeito à Homopatologização ( $M_{NR} = 1.23$ ;  $p < .001$ ;  $M_{MDR} = 1.33$ ;  $p < .001$ ), Heteronormatividade ( $M_{MR} = 2.83$ ;  $M_{NR} = 2.16$ ;  $p < .001$ ;  $M_{MDR} = 2.27$ ;  $p = .017$ ), Homonegatividade masculina ( $M_{MR} = 1.56$ ;  $M_{NR} = 1.12$ ;  $p < .001$ ;  $M_{MDR} = 1.19$ ;  $p = .002$ ), Visibilidade e Expressão de Género masculina ( $M_{MR} = 2.31$ ;  $M_{NR} = 1.57$ ;  $p < .001$ ;  $M_{MDR} = 1.65$ ;  $p < .001$ ), Homonegatividade e Transgressão de Papéis de Género feminina ( $M_{MR} = 1.59$ ;  $M_{NR} = 1.17$ ;  $p < .001$ ;  $M_{MDR} = 1.21$ ;  $p = .002$ ), e, por fim, no que diz respeito à Visibilidade e Expressão de Género feminina ( $M_{MR} = 2.53$ ;  $M_{NR} = 1.61$ ;  $p < .001$ ;  $M_{MDR} = 1.76$ ;  $p < .001$ ). Por fim, a média do grupo muito religioso também difere no fator Transgressão de Papéis de Género masculina, mas apenas com a média do grupo nada religioso ( $M_{MR} = 2.97$ ;  $M_{NR} = 2.48$ ;  $p = .026$ ).

De acordo com as *guidelines* de Cohen para a observação do efeito da força da relação entre as variáveis, as diferenças encontradas têm um efeito pequeno na força da relação entre as variáveis ( $\eta^2 < .06$ ) no que se refere aos fatores Heteronormatividade e Transgressão de Papéis de Género masculinos. Os restantes fatores apresentam um efeito moderado na força da relação entre as variáveis ( $.06 < \eta^2 < .14$ ).

Esta análise evidencia que, em comparação com estudantes nada religiosos/as e moderadamente religiosos/as, estudantes muito religiosos/as mostram mais homopatologização, heteronormatividade, homonegatividade masculina, pontuam mais

contra a visibilidade e expressão de género masculino, mostram mais homonegatividade feminina e também pontuam mais contra a transgressão de papéis de género femininos e visibilidade e expressão de género feminina.

Tabela 31. Comparação de médias das manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina em função do nível de religiosidade (ANOVA)

Fatores	Posição Religiosa			F	$\eta^2$	p
	NR M(DP)	MDR M(DP)	MR M(DP)			
<i>Homopatologização</i>	1.23 (.591)	1.33 (.63)	1.87 (1.053)	8.543	.097	<.001
<i>Heteronormatividade</i>	2.16 (1.092)	2.27 (.956)	2.83 (1.291)	5.549	.045	.005
<i>Homonegatividade (masculina)</i>	1.12 (.423)	1.19 (.56)	1.56 (1.033)	4.477	.065	.014
<i>Visibilidade e Expressão de Género (masculina)</i>	1.57 (.787)	1.65 (.7)	2.31 (1.147)	8.844	.089	<.001
<i>Transgressão de Papéis de Género (masculina)</i>	2.48 (1.179)	2.61 (1.103)	2.97 (1.15)	3.466	.022	.034
<i>Homonegatividade e Transgressão de Papéis de Género (feminina)</i>	1.17 (.455)	1.21 (.548)	1.59 (.974)	4.232	.06	.017
<i>Visibilidade e Expressão de Género (feminina)</i>	1.61 (.895)	1.76 (.873)	2.53 (1.403)	9.538	.099	<.001

Legenda: NR = Nada Religioso/a, MDR = Moderadamente Religioso/a, MR = Muito Religioso/a

***e. Diferença de médias nas manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina em função da posição política***

Existem diferenças significativas nas médias entre os grupos que dizem respeito à posição política em relação todos os fatores do *QOOS*, *QOHM* e *QOHF* ( $p < .05$ ).

De acordo com o teste *Post-Hoc*, a média do grupo com posição política mais à direita (M = 2.42) difere da média dos outros dois grupos no que diz respeito à Homopatologização (M CTR = 1.32;  $p < .001$ ; M ESQ = 1.13;  $p < .001$ ), Homonegatividade masculina (M DRT = 2.07; M CTR = 1.15;  $p < .001$ ; M ESQ = 1.15;  $p < .001$ ), Visibilidade e Expressão de Género masculina (M DRT = 2.69; M CTR = 1.68;

$p < .001$ ; M ESQ = 1.46;  $p < .001$ ), Transgressão de Papéis de Género masculina (M DRT = 3.44; M CTR = 2.56;  $p = .001$ ; M ESQ = 2.43;  $p = .002$ ), Homonegatividade e Transgressão de Papéis de Género feminina (M DRT = 2.12; M CTR = 1.19;  $p < .001$ ; M ESQ = 1.15;  $p < .001$ ), e, por fim, no que diz respeito à Visibilidade e Expressão de Género feminina (M DRT = 2.95; M CTR = 1.77;  $p < .001$ ; M ESQ = 1.48;  $p < .001$ ). Por fim, a média do grupo de posição política mais à direita também difere no fator Heteronormatividade com a média dos outros dos grupos (M DRT = 3.5; M CTR = 2.31;  $p < .001$ ; M ESQ = 1.85;  $p < .001$ ), mas neste fator também a média dos grupos de ideação política de centro e esquerda convergiu ( $p = .008$ ).

De acordo com as *guidelines* de Cohen para a observação do efeito da força da relação entre as variáveis, as diferenças encontradas têm um efeito pequeno na força da relação entre as variáveis ( $\eta^2 < .06$ ) no que se refere ao fator Transgressão de Papéis de Género masculina. Os fatores Heteronormatividade, Homonegatividade masculina, Visibilidade e Expressão de Género masculina e Visibilidade e Expressão de Género feminina apresentam um efeito moderado na força da relação entre as variáveis ( $.06 < \eta^2 < .14$ ). Por fim, os fatores Homopatologização e Homonegatividade e Transgressão de Papéis de Género feminina apresentam um grande efeito na força da relação entre as variáveis ( $\eta^2 > .14$ ).

Esta análise indica que os/as estudantes com uma posição mais de direita também são os que demonstram ter mais nível de homopatologização, homonegatividade masculina, pontuam mais contra a visibilidade e expressão de género masculina, mostram mais homonegatividade feminina e também pontuam mais contra a transgressão de papéis de género femininos e visibilidade e expressão de género feminina, aquando a comparação com os outros dois grupos de estudantes que têm uma ideia política mais de esquerda e centro. Também são os/as estudantes com ideias políticas mais de direita que demonstram mais heteronormatividade, mas aqui houve diferenças entre os 3 grupos, sendo que o que mostrou ser menos heteronormativo foi o grupo de estudantes de esquerda.

Tabela 32. Comparação de médias das manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina em função da posição política (ANOVA)

Fatores	Posição Política			F	$\eta^2$	p
	ESQ M(DP)	CTR M(DP)	DRT M(DP)			
<i>Homopatologização</i>	1.13 (.296)	1.32 (.625)	2.42 (1.457)	30.244	.167	<.001
<i>Heteronormatividade</i>	1.85 (.8)	2.31 (1.061)	3.5 (1.575)	9.684	.111	<.001
<i>Homonegatividade (masculina)</i>	1.15 (.332)	1.15 (.464)	2.07 (1.472)	46.139	.105	.024
<i>Visibilidade e Expressão de Género (masculina)</i>	1.46 (.583)	1.68 (.822)	2.69 (1.37)	17.065	.104	<.001
<i>Transgressão de Papéis de Género (masculina)</i>	2.43 (1.07)	2.56 (1.131)	3.44 (1.481)	3.145	.041	.022
<i>Homonegatividade e Transgressão de Papéis de Género (feminina)</i>	1.15 (.302)	1.19 (.463)	2.12 (1.452)	47.081	.151	.013
<i>Visibilidade e Expressão de Género (feminina)</i>	1.48 (.729)	1.77 (.987)	2.95 (1.494)	12.673	.104	<.001

Legenda: ESQ = Esquerda, CTR = Centro, DRT = Direita

***f. Diferença de médias nas manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina em função da proximidade a pessoas homossexuais***

Existem diferenças significativas entre as médias dos grupos que dizem respeito à proximidade a pessoas homossexuais e dos fatores do *QOOS*, *QOHM* e *QOHF* ( $p < .05$ ).

De acordo com o teste *Post-Hoc*, a média do grupo muito próximo de pessoas homossexuais difere da média do grupo nada próximo de pessoas homossexuais em todos os fatores, sendo que a sua média no que diz respeito ao fator Homopatologização é  $M = 1.19$  e  $M = 1.89$  respetivamente ( $p < .001$ ), no que respeita o fator Heteronormatividade é de  $M = 2.03$  e  $M = 2.82$ , respetivamente ( $p = .009$ ), em relação ao fator Homonegatividade masculina as suas médias são de  $M = 1.06$  e  $M = 1.61$  ( $p < .001$ ), no

fator Visibilidade e Expressão de Género masculina as médias dos grupos são de  $M = 1.5$  e  $M = 2.29$ , respetivamente ( $p < .001$ ), em relação à Transgressão de Papéis de Género masculina, as médias são  $M = 2.41$  e  $M = 2.95$  ( $p = .039$ ), quanto à Homonegatividade e Transgressão de Papéis de Género feminina as médias são de  $M = 1.11$  e  $M = 1.61$  ( $p = .001$ ) e, por fim, no que concerne a Visibilidade e Expressão de Género feminina, a média do grupo muito próximo de pessoas homossexuais é de 1.49 e a do grupo nada próximo é de 2.59 ( $p < .001$ ).

Por outro lado, a média do grupo muito próximo de pessoas homossexuais difere da média do grupo pouco próximo de pessoas homossexuais em cinco fatores, sendo que a média deste segundo grupo, no que diz respeito ao fator Homopatologização, é  $M = 1.59$  ( $p = .03$ ), no que respeita o fator Heteronormatividade é de  $M = 2.63$  ( $p = .044$ ), em relação ao fator Homonegatividade masculina a sua média é de  $M = 1.43$  ( $p = .01$ ), quanto à Homonegatividade e Transgressão de Papéis de Género feminina a média é de  $M = 1.46$  ( $p = .024$ ) e, por fim, no que concerne a Visibilidade e Expressão de Género feminina, a média do grupo pouco próximo de pessoas homossexuais é de 2.16 ( $p = .005$ ).

Por fim, a média do grupo muito próximo de pessoas homossexuais também difere da média do grupo moderadamente próximo em todos os fatores. A média deste último grupo é de  $M = 1.49$  no que toca ao fator Homopatologização ( $p = .011$ ),  $M = 2.62$  no fator Heteronormatividade ( $p < .001$ ),  $M = 1.36$  em relação ao fator Homonegatividade masculina ( $p = .001$ ),  $M = 1.97$  no que concerne a Visibilidade e Expressão de Género masculina ( $p < .001$ ),  $M = 2.8$  em relação à Transgressão de Papéis de Género masculina ( $p = .014$ ),  $M = 1.37$  no fator Homonegatividade e Transgressão de Papéis de Género feminina ( $p = .008$ ) e, por fim,  $M = 2.11$  no fator Visibilidade e Expressão de Género feminina ( $p < .001$ ).

De acordo com as *guidelines* de Cohen para a observação do efeito da força da relação entre as variáveis, as diferenças encontradas têm um efeito pequeno na força da relação entre as variáveis ( $\eta^2 < .06$ ) no que se refere ao fator Transgressão de Papéis de Género masculina. Os restantes fatores apresentam um efeito moderado na força da relação entre as variáveis ( $.06 < \eta^2 < .14$ ).

Apesar de existirem diferenças significativas entre as médias de todos os grupos em comparação com as médias dos fatores, pode-se constatar que a média mais alta é a do grupo de estudantes que não são nada próximos de pessoas homossexuais e a média mais baixa é a de pessoas muito próximas a pessoas homossexuais. Quer isto dizer que

as pessoas menos próximas demonstram mais homopatologização, homonegatividade masculina, pontuam mais contra a visibilidade e expressão de género masculina, mostram mais homonegatividade feminina e também pontuam mais contra a transgressão de papéis de género femininos e visibilidade e expressão de género feminina, aquando da comparação com os outros grupos. Pelo contrário, os/as estudantes mais próximos de pessoas homossexuais mostraram ser os que discriminam menos.

Tabela 33. Comparação de médias das manifestações de preconceito e discriminação dos/as estudantes face à orientação sexual, homossexualidade masculina e à homossexualidade feminina em função proximidade a pessoas homossexuais (ANOVA)

Fatores	Proximidade a Pessoas Homossexuais				F	$\eta^2$	p
	NP M(DP)	PP M(DP)	MMP M(DP)	MP M(DP)			
<i>Homopatologização</i>	1.89 (1.165)	1.59 (1.07)	1.49 (.87)	1.19 (.412)	6.083	.085	.001
<i>Heteronormatividade</i>	2.82 (1.289)	2.63 (1.317)	2.62 (1.245)	2.03 (.921)	7.451	.077	<.001
<i>Homonegatividade (masculina)</i>	1.61 (1.133)	1.43 (.969)	1.36 (.742)	1.06 (.223)	7.031	.094	<.001
<i>Visibilidade e Expressão de Género (masculina)</i>	2.29 (1.159)	1.82 (.934)	1.97 (.985)	1.5 (.693)	7.716	.088	<.001
<i>Transgressão de Papéis de Género (masculina)</i>	2.95 (1.306)	2.87 (1.248)	2.8 (1.142)	2.41 (1.121)	3.3	.033	.026
<i>Homonegatividade e Transgressão de Papéis de Género (feminina)</i>	1.61 (1.127)	1.46 (1.008)	1.37 (.713)	1.11 (.243)	5.406	.075	.003
<i>Visibilidade e Expressão de Género (feminina)</i>	2.59 (1.416)	2.16 (1.185)	2.11 (1.181)	1.49 (.744)	11.54 6	.128	<.001

Legenda: NP = Nada Próximo/a, PP = Pouco Próximo/a, MMP = Moderadamente Próximo/a, MP = Muito Próximo/a

## 6. Existe relação entre as opiniões sobre adoção e educação de crianças por casais do mesmo género, sobre papéis de género na parentalidade e o preconceito manifestado face à orientação sexual, à homossexualidade masculina e feminina?

Ao observar a relação entre todos os fatores é possível verificar que o Heterossexismo correlaciona-se fortemente e de forma positiva com praticamente todos os fatores exceto com o fator Papéis de Género Iguais na Parentalidade, pois a correlação é moderada e negativa ( $r = -.36$ ,  $p < .00$ ), com a Conciliação da vida

Profissional/Parental, sendo esta fraca e negativa ( $r = -.12, p < .02$ ), com a Priorização da Vida Parental, pois não existe correlação ( $r = .00, p < .96$ ), e por fim, com a Transgressão de Papéis de Género ( $r = .45, p < .00$ ), pois tem uma correlação moderada positiva.

O fator Discriminação Familiar e Social tem uma correlação fraca e positiva com praticamente todos os fatores, exceto com o fator Papéis de Género Igualitários na Parentalidade pois é uma correlação fraca e negativa ( $r = -.12, p < .03$ ), tal como com o fator Conciliação da Vida Profissional/Parental ( $r = -.11, p < .04$ ). Com os fatores Priorização da Vida Parental e Heteronormatividade não existe correlação ( $r = .08, p < .14$  e  $r = .08, p < .13$ , respetivamente).

O fator Papéis de Género Tradicionais na Parentalidade tem uma correlação moderada positiva com os fatores Homopatologização ( $r = .40, p < .00$ ), Heteronormatividade ( $r = .33, p < .00$ ), Homonegatividade ( $r = .31, p < .00$ ), Homonegatividade e Transgressão de Papéis de Género ( $r = .34, p < .00$ ) e Visibilidade e Expressão de Género ( $r = .46, p < .00$ ). Com o fator Transgressão de Papéis de Género observa-se uma correlação fraca e positiva ( $r = .27, p < .00$ ) e finalmente com o fator Visibilidade e Expressão de Género verifica-se uma correlação forte positiva ( $r = .52, p < .00$ ).

O fator Papéis de Género Igualitários na Parentalidade contém uma fraca correlação, e negativa, com todos os fatores exceto com o fator Homopatologização, consideram-se esta correlação também negativa, mas moderada ( $r = -.36, p < .00$ ).

Posteriormente, o fator designado por Conciliação da Vida Profissional/Parental correlaciona-se de forma fraca e negativa com todos os fatores exceto com o fator Heteronormatividade ( $r = -.07, p < .20$ ) e Homonegatividade ( $r = -.08, p < .17$ ), não se correlacionando de todo.

O fator Priorização da Vida Parental apenas se correlaciona com o fator Transgressão de Papéis de Género, com uma correlação fraca e positiva ( $r = .16, p < .00$ ).

O fator Homopatologização correlaciona-se fortemente e positivamente com todos os fatores exceto com o fator Transgressão de Papéis de Género, sendo esta uma correlação também positiva, mas moderada ( $r = .36, p < .00$ ).

Seguidamente, o fator Heteronormatividade apresenta uma correlação positiva com todos os fatores, mas esta é moderada com os fatores Homonegatividade ( $r = .49, p < .00$ ) e Transgressão de Papéis de Género ( $r = .32, p < .00$ ). A sua relação com os restantes fatores é considerada forte.

Por fim, os restantes fatores apresentam uma forte correlação positiva entre si, exceto o fator Transgressão de Papéis de Género com o fator Homonegatividade e Transgressão de Papéis de Género, que apresentam uma correlação também positiva, mas moderada ( $r = .39, p < .00$ ).

Tabela 34. Coeficiente de Correlação de Pearson (*r*) entre os fatores de todos os questionários

Fatores	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
<b>1. QOAE - Heterossexismo</b>	-												
<b>2. QOAE - Discriminação Familiar e Social</b>	,317**	-											
<b>3. QOPGP - Papeis de Género Tradicionais na Parentalidade</b>	,523**	,244**	-										
<b>4. QOPGP - Papeis de Género Iguatários na Parentalidade</b>	-,361**	-,119*	-,360**	-									
<b>5. QOPGP - Conciliação Vida Profissional/Parental</b>	-,125*	-,112*	-,178**	,333**	-								
<b>6. QOPGP - Priorização da Vida Parental</b>	,003	,082	,121*	,069	-,064	-							
<b>7. QOOS - Homopatologização</b>	,801**	,277**	,401**	-,362**	-,144**	,059	-						
<b>8. QOOS - Heteronormatividade</b>	,617**	,084	,326**	-,285**	-,071	-,037	,568**	-					
<b>9. QOHM - Homonegatividade</b>	,707**	,245**	,309**	-,267**	-,076	,045	,784**	,487**	-				
<b>10. QOHM - Visibilidade e Expressão de Género</b>	,788**	,256**	,517**	-,288**	-,139*	-,013	,750**	,592**	,641**	-			
<b>11. QOHM - Transgressão de Papéis de Género</b>	,447**	,183**	,269**	-,117*	-,130*	,161**	,335**	,318**	,342**	,468**	-		
<b>12. QOHF - Homonegatividade e Transgressão de Papéis de Género</b>	,760**	,228**	,342**	-,294**	-,128*	,039	,833**	,510**	,896**	,729**	,387**	-	
<b>13. QOHF - Visibilidade e Expressão de Género</b>	,781**	,233**	,459**	-,288**	-,132*	-,001	,732**	,633**	,635**	,890**	,529**	,707**	-

\* $p < .05$ . \*\* $p < .01$

Após a análise destes resultados é possível responder à última questão de investigação que questionava a relação entre as conceções sobre adoção e educação de crianças por casais do mesmo género, papéis de género e o preconceito manifestado face à homossexualidade feminina e masculina. A análise da correlação entre os fatores mostrou que praticamente todos os níveis de preconceito avaliados estão positivamente correlacionados, exceto o fator discriminação familiar e social e heteronormatividade, mostrando uma fraca correlação. Este resultado pode ser explicado talvez devido ao facto de o fator discriminação familiar e social não avaliar as representações heterossexuais do quotidiano, mas sim a perceção da quantidade de apoio que pessoas homossexuais poderão ter. O fator Papéis de Género Tradicionais na Parentalidade também se correlaciona positivamente com todos os fatores que indicam preconceito, fazendo crer que quanto mais preconceito existe, maior é a crença de que o homem e a mulher têm de ter diferentes papéis na sociedade. Em concordância com a linha de pensamento anterior está o resultado das correlações do fator Papéis de Género Igualitários na Parentalidade. Este mostra que quanto maior a concordância com a perspectiva de género igualitária, menos preconceito existe tanto ligado à adoção e educação por parte de casais do mesmo género, como ligado diretamente à orientação sexual feminina e masculina.

#### **4. Discussão**

Tendo em conta os resultados obtidos, é possível concluir que a maioria dos/as estudantes da universidade de Évora que participaram neste estudo concorda totalmente com a adoção e com a educação de crianças por parte de casais do mesmo género. Este resultado é congruente com a literatura, pois existe cada vez mais um maior número de pessoas que condena a discriminação baseada na orientação sexual e reconhece como legítimo o casamento e a adoção por parte de pessoas do mesmo sexo biológico (Brettschneider et al., 2017). No estudo de Gato e colegas (2013) foi verificado que, apesar de existir uma grande correlação positiva entre fatores de ajustamento psicossocial e sexualidade normativa, a maioria dos/as participantes do estudo concordaram que a adoção de uma criança sob a custódia do estado é a melhor solução, independentemente da orientação sexual dos/as pais ou mães adotivos/as. Também a aprovação da legislação acerca da adoção e coadoção por parte de casais do mesmo género em Portugal é uma prova desta mudança de mentalidade, tal como a crescente visibilidade de pessoas LGB

(Melo et al., 2020). Porém, é curioso existir menos concordância com a educação por parte de casais do mesmo género do que com a adoção, visto que quando se adota uma criança está implícito que esse casal deverá educá-la.

Verificou-se ainda que alguns/mas estudantes não concordam com a adoção e educação, sendo que os grupos de estudantes que menos concorda são: o grupo que tem mais do que 30 anos, o de homens, o de pessoas heterossexuais, o grupo com ideias políticas mais à direita e, por fim, o grupo que não é nada próximo de pessoas homossexuais. O mesmo resultado se verifica quando se avalia a discriminação e preconceito dos/as estudantes. É possível também verificar a ligação entre a crença mais tradicional sobre os papéis de género e os diferentes tipos de discriminação e preconceito demonstrados pelos/as estudantes, evidenciando assim que a inflexibilidade de papéis associada ao homem e à mulher poderá influenciar as crenças e ideias que são aceites em sociedade. De acordo com Butler (1999), a heterossexualização requer e institui a produção de oposições discretas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”.

Em concordância com o descrito acima, alguns estudos demonstram que os homens têm atitudes mais negativas com base no preconceito face a pessoas homossexuais do que as mulheres (Herek, 1988; Davis-Delano et al., 2019; Melo et al., 2020). Também são os homens que têm atitudes mais negativas no que diz respeito à adoção e educação por parte de casais do mesmo género, estando de acordo com o estudo de Gato e Fontaine (2015). Nesse mesmo estudo também se verificou que mais homens do que mulheres acreditam que o género da criança e a orientação sexual do casal influenciam o desenvolvimento psicossocial da criança (i.e., um rapaz criado por um casal gay iria ter uma sexualidade menos normativa do que uma rapariga criada nas mesmas circunstâncias) (Gato & Fontaine, 2015). No presente estudo também os/as participantes heterossexuais mostram ter mais preconceito do que participantes não heterossexuais, tanto em relação à orientação sexual como também em relação à adoção e educação por parte destes e maior aceitação pelos papéis de género tradicionais.

Os/as participantes mais velhos/as mostram, em geral, mais preconceito contra pessoas homossexuais em comparação com os/as participantes mais novos/as, indo ao encontro do estudo realizado por Sani e Quaranta (2020), que indica que pessoas mais velhas tendem a ser mais homonegativas do que jovens. Similarmente, Melo e colegas (2020) verificaram no seu estudo que à medida que a idade aumenta, o preconceito relativamente à homossexualidade aumenta também. Estes/as participantes mostraram-

se, porém, mais a favor da visibilidade e expressão de género masculino do que os/as estudantes mais novos/as, mas não a se verificou o mesmo na visibilidade e expressão de género feminina. Este resultado poderá ser influenciado por outra característica sociodemográfica deste grupo, tendo em conta a contrariedade nas respostas, apenas por se referir a pessoas gays vs lésbicas. Verificou-se ainda que estes/as estudantes priorizavam menos a vida parental do que os/as estudantes mais novos, talvez por serem pessoas mais velhas do que a maioria dos/as estudantes e continuarem a seguir o seu percurso académico, focando-se assim nesse percurso mais académico e possivelmente profissional.

Também as pessoas com maior nível de religiosidade mostram mais preconceito relativamente a pessoas homossexuais, não só em relação à sua orientação sexual como à sua capacidade de adotar e educar uma criança. Inclusive, estas defendem os papéis de género tradicionais na parentalidade. Este resultado está em concordância com alguns estudos que mostram que para algumas pessoas mais religiosas os relacionamentos do mesmo sexo são vistos como uma degradação da sociedade, tendo assim atitudes mais negativas contra estas pessoas (Schulte & Battle, 2004; Gato et al., 2013; Melo et al., 2020). Em Portugal, quando a adoção por parte de casais do mesmo género foi aprovada, o porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) manifestou-se contra essa legislação, argumentando que a adoção apenas deverá ser feita por casais, sendo que um casal é constituído por um homem e uma mulher (Diário de Notícias, 2015). Este comentário, para além de ser heterossexista, também demonstra

o papel tradicional do homem e da mulher. Assim, não são apenas as pessoas crentes que manifestam preconceito, discriminação e uma visão mais tradicional sobre o homem e a mulher, mas também quem as representa, pois esta é a fonte de influência destas pessoas.

Também o posicionamento político mostrou relacionar-se com a discriminação e preconceito contra pessoas homossexuais e o seu direito à adoção e educação de crianças, e com crenças de papéis de género mais tradicionais. Existe uma relação direta entre o conservadorismo político e a intolerância em relação a grupos não heterossexuais (Rojas, 2015), sendo este um resultado observado também noutros países como os EUA (Burgess, 2017). O autoritarismo de direita tem uma influência direta sobre a atitude hostil para com pessoas homossexuais. Quanto mais autoritária a pessoa é, maior heterossexismo terá e maior rejeição à homoparentalidade (Rojas, 2015).

Por fim, os/as participantes que afirmaram ter uma maior relação de proximidade e suporte com pessoas homossexuais mostram um menor nível de preconceito dirigido a pessoas homossexuais, tal como se verificou em outros estudos (Melo et al., 2020). Este resultado é consequência do efeito de exposição, explicado por Zajonc em 1968, que faz com que as atitudes das pessoas melhorem, através da repetição do estímulo (neste caso o convívio), desde que as reações iniciais não sejam negativas (Hogg & Vaughan, 2018).

Posto isto, é perceptível que a crescente visibilidade e legislação a favor dos Direitos LGBT (sendo estes direitos humanos) estão a criar mudanças na perceção das pessoas que constituem a nossa sociedade, sendo que a maioria dos/as estudantes que participaram neste estudo mostram ter atitudes positivas acerca de pessoas homossexuais e o seu direito em casar e serem pais e mães. Ainda assim, a opinião da população não é unânime, mesmo existindo inúmeros estudos que indicam que a orientação sexual e a configuração familiar não são um fator determinante no desenvolvimento infantil (Gato, 2014), o que poderá continuar a condicionar as decisões de vida de muitos casais do mesmo género e, assim, a sua vida em si.

A análise e apreciação deste estudo devem ser feitas tendo em conta algumas limitações que não permitem generalizar os resultados.

Em primeiro lugar, os dados não foram recolhidos presencialmente como estava planeado inicialmente. Devido à pandemia que ainda estamos a enfrentar, estes foram recolhidos online, sem controlo sobre as características da amostra não probabilística de conveniência. Ainda assim, o maior número de participantes mulheres pode dever-se também ao facto de existirem mais 966 mulheres do que homens inscritas na Universidade de Évora no ano de 2019/20 (PORDATA, 2020).

A amostra também se mostra não representativa no sentido em que existe em maior número indivíduos residentes na região do Alentejo, apesar de ter existido diversidade (em pouca percentagem). A maioria dos/as participantes são jovens adultos, consideram na sua maioria ser pouco religiosos/as e de partidos políticos de centro. Por fim, apesar de existirem participantes de todas as escolas da Universidade de Évora, a maioria frequenta a Escola de Ciências Sociais.

Posto isto, seria importante e interessante replicar este estudo em outras Universidades do país, tendo sempre em conta as características sociodemográficas da amostra, pois vários estudos incidam que pessoas que vivam em cidades urbanas e com

população mais diversificada tendencialmente apoiam e interessam-se mais pelos direitos LGBTQI (Hines, 2019). Adicionalmente, seria importante confirmar a validade dos cinco questionários utilizados. Também seria importante criar mais estudos portugueses que mostrassem as vivências dos casais do mesmo género que decidem adotar. Apesar de ainda não existirem muitos pais e/ou mães que conseguiram esse feito, dar a conhecer os obstáculos e as estratégias para os ultrapassar poderão ser uma mais-valia e um exemplo para outras famílias constituídas por casais do mesmo género e para os/as profissionais de saúde e/ou de adoção que acompanham de perto todo o processo de adoção e desenvolvimento da criança.

## 5. Referências

- Afonso, R. (2019). *Homossexualidade e Resistência no Estado Novo*. Lua Elétrica.
- Alden, H., & Parker, K., (2005). Gender role ideology, homophobia and hate crime: Linking attitudes to macro-level antigay and lesbian hate crimes. *Deviant Behavior*, 26(4), 321-343. <https://doi.org/10.1080/016396290931614>.
- Anderson, H. (2001). *Empirical Direction in Design and Analysis*. Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Aresta, A. (2021). Adoção Por Homossexuais: Não Há Discriminação Mas Há Falta De Informação. Tvi24. <https://tvi.iol.pt/estamanha/videos/adocao-por-homossexuais-nao-ha-discriminacao-mas-ha-falta-de-informacao/602f7baa0cf289c41a95c51c>.
- Beere, C., King, D., Beere, K., & King, L. (1984). The sex-role egalitarianism scale: a measure of attitudes toward equality between the sexes. *Sex Roles*, 10(7), 563-576. <https://doi.org/10.1007/BF00287265>.
- Bernat, A., Calhoun, S., Adams, E., & Zeichner, A. (2001). Homophobia and physical aggression toward homosexual and heterosexual individuals. *Journal of Abnormal Psychology*, 110(1), 179–187. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.110.1.179>
- Biblarz, T., Carroll, M., & Burke, N. (2014). Same-sex families. In J. Treas, J. Scott, & M. Richards (Eds). *The Wiley Blackwell Companion to the Sociology of Families* (pp. 109-131). John Wiley & Sons, Ltd.
- Brettschneider, M., Burgess, S., & Keating, C. (2017). Introduction. In M. Brettschneider, S. Burgess, & C. Keating (Eds.), *LGBTQ Politics: A critical reader*. (pp. 1-10). New York University Press.
- Brown, S., Smalling, S. Groza, V., & Ryan S. (2009) the experiences of gay men and lesbians in becoming and being adoptive parents. *Adoption Quarterly*, 12(3), 229-246. <https://doi.org/10.1080/10926750903313294>.

- Burgess, S. (2017). Part III: Introduction. In Brettschneider, M., Burgess, S., & Keating, C. (Eds.). *LGBTQ Politics: A critical reader*. (pp. 249-251). New York University Press.
- Butler, J. (1999). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* (2ª Ed.). Routledge.
- Butler, J. & Weed, E. (2011). *The Question of Gender*. Indiana University Press.
- Cadinu, M., & Galdi, S. (2012). Gender differences in implicit gender self-categorization lead to stronger gender self-stereotyping by women than by men. *European Journal of Social Psychology*, 42(5), 546–551. <https://doi.org/10.1002/ejsp.1881>.
- Cascais, A. (2016). A homossexualidade nas malhas da lei no Portugal dos séculos XIX e XX. *International Journal of Iberian Studies*, 29(2), 95-112. [https://doi.org/10.1386/ijis.29.2.95\\_1](https://doi.org/10.1386/ijis.29.2.95_1).
- Chase, A. T. (2016). Human rights contestations: sexual orientation and gender identity. *The International Journal of Human Rights*, 20(6), 703–723. <https://doi.org/10.1080/13642987.2016.1147432>.
- Claridge, A. & Denlinger, M. (2020). In Wampler & McWey (Eds), *The Handbook of Systemic Family Therapy: Volume 2* (1ª Ed.) (pp. 431-456). John Wiley & Sons Ltd.
- Clarke, V., & Kitzinger, C. (2005). “Were not living on planet lesbian’: constructions of male role models in debates about lesbian families. *Sexualities*, 8(2), 137–152. <https://doi.org/10.1177/1363460705050851>.
- Conselho da Europa (2019). Prevenir e Combater o Sexismo, Council of Europe, 1-25. <https://rm.coe.int/16809e1b65>
- Costa, C., Pereira, M., Oliveira, J. M., & Nogueira, C. (2010). Imagens Sociais das Pessoas LGBT. In Nogueira, C., & Oliveira, J. M., *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

- Cronenwett, L., Sampsel, C., & Wilson, W. (1988). The childcare activities scale and parental role preference scale. *Research in Nursing & Health*, *11*, 301-306. <https://doi.org/10.1002/nur.4770110505>
- Croteau, J. M., Talbot, D. M., Lance, T. S., & Evans, N. J. (2002). A qualitative study of the interplay between privilege and oppression. *Journal of Multicultural Counseling and Development*, *30*(4), 239–258. <https://doi.org/10.1002/j.2161-1912.2002.tb00522.x>.
- Davis-Delano, L. R., Kuchynka, S. L., Bosson, J. K., & Morgan, E. M. (2020). Heterosexual people's reactions to same-sex romantic or sexual overtures: the role of attitudes about sexual orientation and gender. *Archives of Sexual Behavior*, *49*(7), 2561–2573. <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01804-w>.
- Diário de Notícias (2021, Junho 23). Presidente da Hungria promulga a polémica lei sobre homossexualidade. Diário de Notícias. <https://www.dn.pt/internacional/presidente-da-hungria-promulga-a-polemica-lei-sobre-homossexualidade-13868169.html>
- Diário de Notícias (2015, Novembro 21). Portugal é o 24.º país a permitir a adoção por casais gay. Diário de Notícias. <https://www.dn.pt/portugal/portugal-e-o-24-pais-a-permitir-a-adocao-por-casais-gay-4895531.html>
- European External Action Service (2020). *EU Annual Reports on Human Rights and Democracy in the World*. [https://eeas.europa.eu/sites/default/files/2020\\_eu\\_human\\_rights\\_and\\_democracy\\_country\\_reports.pdf](https://eeas.europa.eu/sites/default/files/2020_eu_human_rights_and_democracy_country_reports.pdf).
- Falcão, L. (2004). *Adoção de crianças por homossexuais: Crenças e formas de preconceito*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Fasoli, F., Cadinu, M., Carnaghi, A., Galdi, S., Guizzo, F., & Tassara, L. (2018). How do you self-categorize? Gender and sexual orientation self-categorization in homosexual/heterosexual men and women. *Personality and Individual Differences*, *123*, 135–139. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.11.011>.

- Fasoli, F., & Maass, A. (2020). The social costs of sounding gay: voice-based impressions of adoption applicants. *Journal of Language and Social Psychology*, 39(1), 112–131. <https://doi.org/10.1177/0261927X19883907>.
- Favez, N. & Frascarolo, F. (2019). Gender-role orientation in parents: a factor contributing to prenatal coparental interactions in primiparous families. *Early Child Development and Care*, 1-11. <https://doi.org/10.1080/03004430.2018.1564915>.
- Field, A. (2018). *Discovering statistics using IBM SPSS Statistics* (5ª Ed.). SAGE Publications.
- Fundamental Rights Agency (2020). *European Union LGBTI II survey: A long way to go for LGBTI equality*. <https://fra.europa.eu/en/publication/2020/eu-lgbti-survey-results>.
- Gato, J. (2014). *Homoparentalidades: perspectivas psicológicas*. Almedina.
- Gato, J. & Fontaine, A. (2010). Desconstruindo preconceitos sobre a homoparentalidade. *LES Online*, 2(2), 14-21. <https://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/gatoLESonline.pdf>.
- Gato, J., Carneiro, N., Fontaine, A. (2011). Contributo para uma revisitação histórica e crítica do preconceito contra as pessoas não heterossexuais. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*, 1(1), 139-167.
- Gato, J., & Fontaine, A. (2011). Impacto da orientação sexual e do género na parentalidade: Uma revisão dos estudos empíricos com famílias homoparentais. *Ex æquo*, 23, 83-96.
- Gato, J., Freitas, D. & Fontaine, A. M. (2013). Attitudes toward same-sex parenting: exploratory, confirmatory, and invariance analyses of two psychometric scales. *Journal of GLBT Family Studies*, 9(3), 205-229. <https://doi.org/10.1080/1550428X.2013.781906>
- Gato, J., Fontaine, A. & Leme, V. (2014). Validação e adaptação transcultural da escala multidimensional de atitudes face a lésbicas e a gays. *Psychology/Psicologia*

*Reflexão e Crítica*, 27(2), 257-271. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201427206>

Gato, J., & Fontaine, A. M. (2015). Attitudes toward adoption by same-sex couples: Effects of gender of the participant, sexual orientation of the couple, and gender of the child. *Journal of GLBT Family Studies*, 1-23. <http://dx.doi.org/10.1080/1550428X.2015.1049771>

Gato, J., Henriques, M. R., Leal, D. (2019). Adoption by lesbian women and gay men: Perceived challenges and training needs for professionals in Portugal. *Adoption Quarterly*, 1-25. <https://doi.org/10.1080/10926755.2020.1834044>

Gato, J., Leal, D., Coimbra, S. & Tasker, F. (2020). Anticipating parenthood among lesbian, gay, bisexual, and heterosexual young adults without children in Portugal: predictors and profiles. *Frontiers in Psychology*, 11(1058), 1-18. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01058>

Goldberg, A. (2012). *Gay Dads: Transition to Adoptive Fatherhood*. New York University Press.

Goldberg, A., & Allen, K. (2013). *LGBT-Parent Families Innovations in Research and Implications for Practice*. Springer.

Goldberg, A., Gartrell, N., & Gates, G. (2014). *Research Report on LGB-Parent Families*. The William Institute. <https://williamsinstitute.law.ucla.edu/wp-content/uploads/lgb-parent-families-july-2014.pdf>.

Grudens-Schuck, N, Allen, B., & Larson, K. (2004). Methodology Brief: Focus Group Fundamentals. *Extension Community and Economic Development Publications*, 12. [http://lib.dr.iastate.edu/extension\\_communities\\_pubs/12](http://lib.dr.iastate.edu/extension_communities_pubs/12).

Henschel, T., Heilman, M. & Peus, C. (2019). The multiple dimensions of gender stereotypes: a current look at men's and women's characterizations of others and themselves. *Frontiers in Psychology*, 10(11), 8-25. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00011>.

- Herek, G. (1988) Heterosexuals' attitudes toward lesbians and gay men: Correlates and gender differences, *The Journal of Sex Research*, 25(4), 451-477. <http://dx.doi.org/10.1080/00224498809551476>
- Herek, G. (2004). Beyond “homophobia”: thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. *Sexuality Research & Social Policy Journal of NSRC*, 1(2), 6-24. <https://doi.org/10.1525/srsp.2004.1.2.6>
- Herek, G. (2007). Confronting sexual stigma and prejudice: Theory and practice. *Journal of Social Issues*, 63, 905–925. <https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091510>.
- Herek, G. (2010). Sexual orientation differences as deficits: Science and stigma in the history of American psychology. *Perspectives on Psychological Science*, 5(6), 693–699. <https://doi.org/10.1177/1745691610388770>.
- Hines, T. (2019). Variables which influence the early state adoption of pro-LGBT legislation. *Journal of Homosexuality*, 2-26. 10.1080/00918369.2019.1657751.
- Hogg, M. A., & Vaughan, G. M. (2018). *Social Psychology* (8<sup>a</sup> Ed.). Pearson.
- Instituto de Segurança Social (2019). *Guia Prático – Adoção*. Instituto de Segurança Social.
- Ives, J. (2014). Men, maternity and moral residue: negotiating the moral demands of the transition to first time fatherhood. *Sociology of Health & Illness*, 36(7), 1003–1019. <https://doi.org/10.1111/1467-9566.12138>.
- Kamenov, Z., Huic, A., & Jelic, M. (2019). attitudes towards gay and lesbian parental rights among heterosexual croatian citizens: the effect of traditional gender-role attitudes. *Revija za sociologiju*, 49(2), 231-251. <https://doi.org/10.5613/rzs.49.2.5>
- Khan, A., & Sajjad, S. (2017). Parental behavior to discipline their children on the basis of gender roles. *New Horizons*, 11(1), 29-39.

- Koenig, A. (2018). Comparing prescriptive and descriptive gender stereotypes about children, adults, and the elderly. *Frontiers in Psychology*, 9(1086), 1-39. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01086>
- Lacerda, M., Pereira, C., & Camino, L. (2002). Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 165-178. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722002000100018>
- Leal, D., Gato, J., Coimbra, S., Freitas, D. & Tasker, F. (2020). Social support in the transition to parenthood among lesbian, gay, and bisexual persons: a systematic review. *Sexuality Research and Social Policy*. <https://doi.org/10.1007/s13178-020-00517-y>
- Lebow, J. (2020). Family in the age of Covid19. *Family Process*, 0(0), 1-4. <https://doi.org/10.1111/famp.12543>.
- Lerner, R., Lewin-Bizan, S., & Warren, A. (2011). Concepts and theories of human development. In M. Bornstein, & M. Lamb (Eds.), *Developmental science: An advanced textbook* (6<sup>a</sup> Ed.) (pp. 3-41). Routledge.
- Lev, A. (2010). How Queer! The development of gender identity and sexual orientation in LGBTQ-headed families. *Family Process*, 49(3), 268–290. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2010.01323.x>.
- Levitt, H., Schuyler, S., Chickerella, R., Elber, A., White, L., Troeger, R., Karter, J., Preston, J., & Collins, K. (2020). How discrimination in adoptive, foster, and medical systems harms LGBTQ+ families: Research on the experiences of prospective parents. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 1-22, <https://doi.org/10.1080/10538720.2020.1728461>.
- Lück, D. & Castrén, A. (2018). Personal understandings and cultural conceptions of family in European society. *European Societies*, 20(5), 699-714. <https://doi.org/10.1080/14616696.2018.1487989>.

- Lui, P., & Quezada, L. (2019). associations between microaggression and adjustment outcomes: a meta-analytic and narrative review. *American Psychological Association, 145*(1), 45–78. <http://dx.doi.org/10.1037/bul0000172>.
- Macedo, A. (2018). *Identidade de género e orientação sexual na prática clínica*. Edições Sílabo.
- Manzi, F. (2019). Are the processes underlying discrimination the same for women and men? A critical review of congruity models of gender discrimination. *Frontiers in Psychology, 10*(469), 40-55. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00469>.
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3ª Ed.). Edições Sílabo.
- Marques, J., Páez, D., & Pinto, I. (2017). Estereótipos: Antecedentes e Consequências das Crenças sobre os Grupos. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (10ª Ed.) (pp.435-492). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Massey, D. (2013). *Space, Place and Gender* (3ª Ed). Cambridge Polity Press.
- Matias, M., Silva, A., & Fontaine, A. (2011). Conciliação de papéis e parentalidade: efeitos de género e estatuto parental. *Exedra, 5*, 57-76.
- Melo, M., Bota, P., & Santos, J. (2020). Diferenças, discriminações e desigualdades: estudos sobre minorias sexuais. In M. F. Barros & A. P. Gato (Eds.), *Desigualdades*. Évora: Publicações do CIDEHUS. <https://doi.org/10.4000/books.cidehus.13577>.
- Messina, R., & D'Amore, S. (2018). Adoption by lesbians and gay men in Europe: Challenges and barriers on the journey to adoption. *Adoption Quarterly, 21*(2), 59–81. <https://doi.org/10.1080/10926755.2018.1427641>.
- Moita, G. (2001). *Discursos sobre a homossexualidade no contexto clínico – a homossexualidade de dois lados do espelho*. Tese de doutoramento não-publicada, Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto.
- Nandal, L. (2013). *That's so gay! Microaggressions and the Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Community*. American Psychological Association.

- O'Brien, J. (2015). *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 2(10), 790-795. <http://dx.doi.org/10.1016/B978-0-08-097086-8.10204-1>.
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2013). *Relatório de evidência científica psicológica sobre relações familiares e desenvolvimento infantil nas famílias homoparentais*. OPP.
- Pallant, J. (2005). *SPSS Survival Manual* (3ª Ed.). Allen & Unwin.
- Patterson, C. (2006). Children of lesbian and gay parents. *Current Directions in Psychological Science*, 15(5), 241-244. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2006.00444.x>
- Pavlou, V., Tsaousis, I., Vryonides, M., & Vitsilaki, C. (2008). Assessing the dimensionality and other psychometric properties of a greek translation of the Sex-role Egalitarianism Scale (Form B). *Sex Roles*, 59 (11-12), 787–799. <https://doi.org/10.1007/s11199-008-9483-6>.
- Pereira, S. (2004). *Representações sociais do homossexualismo e preconceito contra homossexuais*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Perista, H. (2002). Género e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens. *Análise Social*, 37(163), 447-474. <http://www.jstor.org/stable/41011683>
- Perlesz, A., & McNair, R. (2004). Lesbian parenting: Insiders' voices. *The Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 25(3), 129–140. <https://doi.org/10.1002/j.1467-8438.2004.tb00603.x>.
- Pettigrew, T.F., & Meertens R.W. (1995). Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European Journal of Social Psychology Bulletin*, 5, 461-476. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420250106>.
- Pinderhughes, E., & Brodzinsky, D. (2019). Parenting in adoptive families. In M. Bornstein (Ed), *Handbook of Parenting – Vol 1 Children and Parenting* (3ª Ed.) (pp.322-368). Routledge.

- PORDATA (2018). Retrato dos homens e das mulheres. Fundação Francisco Manuel dos Santos. <https://www.pordata.pt/ebooks/PT2018v20180530/mobile/index.html>
- Rojas, J. M. (2015). A influência da ideologia política e da intolerância à ambiguidade em várias expressões atitudinais do heterossexismo. *Pensamento Psicológico*, 13(2), 7-19. <https://doi.org/10.11144/Javerianacali.PPSI13-2.iipi>
- Ryan, S. D. (2000). Examining social workers' placement recommendations of children with gay and lesbian adoptive parents. *Families in Society. The Journal of Contemporary Human Services*, 81(5), 517-528.
- Sampaio, D. (2009, Novembro 29). *Definir família*. <https://www.publico.pt/2009/11/29/jornal/definir-familia-18262906>
- Sani, G., & Quaranta, M. (2020). Let Them Be, Not Adopt: General Attitudes Towards Gays and Lesbians and Specific Attitudes Towards Adoption by Same-Sex Couples in 22 European Countries. *Social Indicators Research*. 1-23. <https://doi:10.1007/s11205-020-02291-1>
- Santos, J. (2018). *Preconceitos e discriminação face a minorias sexuais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/23428>
- Schoppe-Sullivan, S., Mangelsdorf, S., Frosch, C., & McHale, J. (2004). Associations between coparenting and marital behavior from infancy to the preschool years. *Journal of Family Psychology*, 18(1), 194–207. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.18.1.194>
- Schoppe-Sullivan, S., Kotila, L., Jia, R., Lang, S., & Bower, D. (2013). Comparisons of levels and predictors of mothers' and fathers' engagement with their preschool-aged children. *Early Child Development and Care*, 183(3-4), 498–514. <https://doi.org/10.1080/03004430.2012.711596>
- Schulte, L., & Battle, J. (2004). The relative importance of ethnicity and religion in predicting attitudes towards gays and lesbians. *Journal of Homosexuality*, 47(2), 127-142. [http://dx.doi.org/10.1300/J082v47n02\\_08](http://dx.doi.org/10.1300/J082v47n02_08).

- Senden, M., Klysing, A., Lindqvist, A. & Renström, E. (2019). The (not so) changing man: dynamic gender stereotypes in sweden. *Frontiers in Psychology*, 10(37), 222-238. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00037>
- Shaffer, D. R. (2009). *Social and Personality Development* (6<sup>a</sup> Ed). Wadsworth Cengage Learning.
- Shingala, M., & Rajyaguru, A. (2015). Comparison of Post Hoc Tests for Unequal Variance. *International Journal of New Technologies in Science and Engineering*, 2(5), 22-33. <https://www.ijntse.com/upload/1447070311130.pdf>
- Sim, J., & Waterfield, J. (2019). Focus group methodology: some ethical challenges. *Quality & Quantity*, 53, 3003–3022. <https://doi.org/10.1007/s11135-019-00914-5>.
- Somech, A., & Drach-Zahavy, A. (2016). Gender role ideology. *The Wiley Blackwell Encyclopedia of Gender and Sexuality Studies*, 1–3. <https://doi.org/10.1002/9781118663219.wbegss205>.
- Sue, D. (2010). *Microaggressions in everyday life: Race, gender, and sexual orientation*. Wiley.
- Sutfin, E., Fulcher, M., Bowles, R., & Patterson, C. (2008). How lesbian and heterosexual parents convey attitudes about gender to their children: the role of gendered environments. *Sex Roles*, 58, 501-513. <https://doi.org/10.1007/s11199-007-9368-0>.
- Sutin, A., Stephan, Y., & Terracciano, A. (2016). Perceived discrimination and personality development in adulthood. *Developmental Psychology*, 52, 155–163. <http://dx.doi.org/10.1037/dev0000069>
- Voss, J. (2018). Contesting sexual orientation and gender identity at the UN Human Rights Council. *Human Rights Review*, 19(1), 1–22. <https://doi.org/10.1007/s12142-017-0483-1>

Wall, K., Cunha, V., Atalaia, S., Rodrigues, L., Correia, R., Correia, S., & Rosa, R. (2016). *Livro Branco – Homens e Igualdade de Género em Portugal*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Wilkinson, S. (2004). Focus Group research. In Silverman, D. (Ed.), *Qualitative Research – Theory, Method and Practice* (2<sup>a</sup> Ed) (pp. 177-198). Sage Publications.

Worthington, R., & Whittaker, T. (2006). Scale development research a content analysis and recommendations for best practices. *The Counseling Psychologist*, 34, 806-838. <https://doi.org/10.1177/0011000006288127>

## 6. Anexos

### Anexo 1: Questionário de Atitudes Face à Adoção e Educação de Crianças por Casais do mesmo género

#### Atitudes Face à Adoção e Educação de Crianças por Casais do mesmo género

Este estudo é realizado no âmbito do Mestrado em Psicologia da Universidade de Évora e destina-se a compreender quais as atitudes de Estudantes da Universidade de Évora face à adoção por casais do mesmo género (i.e., gays e lésbicas) e a educação que estes poderão providenciar às crianças.

A sua participação é totalmente voluntária, podendo desistir a qualquer momento. Não existem respostas certas ou erradas, pretendendo-se saber apenas a opinião sincera de cada indivíduo. Por favor, responda a todas as questões. O seu preenchimento demora aproximadamente 15 minutos.

Os dados recolhidos são confidenciais e anónimos e serão utilizados exclusivamente para análise estatística deste presente estudo.

Caso pretenda obter informação sobre os resultados ou colocar alguma questão, poderá contactar-me através do email [m39238@alunos.uevora.pt](mailto:m39238@alunos.uevora.pt)

Cláudia Simões

Declaro que me considero esclarecido/a sobre a presente investigação e aceito participar de forma voluntária.

#### Questionário Sociodemográfico

1. Idade: \_\_\_\_

2. Género:  Masculino  Feminino  Outro

3. Orientação Sexual:  Heterossexual  Homossexual  Bissexual  Outra

Não sei

4. Concelho de residência fora do período de aulas: \_\_\_\_\_

5. Ciclo de estudos atual:  Licenciatura  Mestrado  Mestrado Pós-Laboral

6. Curso que frequenta: \_\_\_\_\_

7. Ano do Curso: \_\_\_\_\_

8. Numa escala de 1 a 9, assinale com um círculo o número correspondente à sua:

a) Posição Religiosa:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	
Nada Religioso/a									Muito Religioso/a

b) Posição Política:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	
Extrema Esquerda									Extrema Direita

9. Conhece alguém que seja Homossexual?  Sim  Não

10. Se respondeu afirmativamente à questão anterior, por favor assinale, numa escala de 1 a 9, assinale com um círculo o grau de proximidade que tem com essa(s) pessoa(s):

1	2	3	4	5	6	7	8	9	
Pouco próximo/a									Muito próximo/a

11. As frases que vai encontrar de seguida descrevem algumas atitudes em relação à adoção por parte de casais do mesmo género (i.e., gays e lésbicas) e a educação que estes poderão providenciar às crianças. Por favor, assinale em cada uma das frases o seu nível de discordância/concordância de acordo com a seguinte escala:

1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo muito; 3 – Discordo um pouco; 4 – Concordo um pouco; 5 – Concordo muito; 6 – Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5	6
1. Casais de mulheres ou homens homossexuais devem ter o mesmo direito de adoção do que os casais heterossexuais.						



1	2	3	4	5	6	7	8	9
Discordo Totalmente					Concordo Totalmente			

13. Numa escala de 1 a 9, assinale com um círculo a sua opinião geral sobre a educação de crianças por parte de casais homossexuais:

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Discordo Totalmente					Concordo Totalmente			

14. As frases que vai encontrar de seguida descrevem algumas situações que demonstram diferentes papéis de género relacionados com a parentalidade. Por favor, assinale em cada uma das frases o seu nível de discordância/concordância de acordo com a seguinte escala:

1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo muito; 3 – Discordo um pouco; 4 – Concordo um pouco; 5 – Concordo muito; 6 – Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5	6
1. Os homens devem pensar primeiro no cuidado da(s) sua(s) criança(s) e só depois na sua vida profissional.						
2. As mulheres têm mais capacidade para cuidar de um bebé com menos de um ano de idade do que os homens.						
3. Um pai tem mais capacidade para assegurar cuidados “secundários” de uma criança, como comprar a sua comida, do que cuidados “primários” como dar-lhe banho.						
4. Um pai deve passar tanto tempo a cuidar da(s) sua(s) criança(s) quanto uma mãe.						
5. As mulheres devem pensar primeiro no cuidado da(s) sua(s) criança(s) e só depois na sua vida profissional.						
6. As mulheres preferem ficar em casa a cuidar das crianças até aos 3 anos de idade em vez de terem um emprego fora de casa.						
7. A autoridade da mãe e do pai para com a criança deve ser equivalente.						
8. As mulheres devem trabalhar fora de casa mesmo que tenham crianças pequenas até aos 3 anos de idade.						
9. O pai e a mãe devem partilhar as tarefas de forma igualitária, inclusive o tratamento “primário” de uma criança, como alimentá-la.						
10. Os homens e as mulheres têm as mesmas capacidades parentais.						
11. Uma mãe que trabalhe a tempo inteiro consegue estabelecer uma relação de suporte e carinho com a criança tal como uma mãe que esteja em casa.						
12. A licença de parentalidade deve continuar a ser obrigatória para a mãe e para o pai da(s) criança(s).						
13. Por favor, escolha "Concordo um Pouco" como opção de resposta.						
14. Os homens não têm tanta competência quanto as mulheres para tratar da(s) criança(s) quando esta(s) adoce(m).						

15. As mães devem ter mais tempo de licença parental do que os pais.						
16. Um pai que trabalhe a tempo inteiro consegue estabelecer uma relação de suporte e carinho com a criança tal como um pai que esteja em casa.						
17. Os homens preferem ficar em casa a cuidar das crianças até aos 3 anos de idade em vez de terem um emprego fora de casa.						
18. Os homens devem trabalhar mesmo que tenham crianças até aos 3 anos de idade.						

15. As frases que vai encontrar de seguida descrevem algumas atitudes face a Orientações Sexuais. Por favor, assinale em cada uma das frases o seu nível de discordância/concordância de acordo com a seguinte escala:

1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo muito; 3 – Discordo um pouco; 4 – Concordo um pouco; 5 – Concordo muito; 6 – Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5	6
1. Para mim é igual se os meus amigos ou amigas são heterossexuais ou homossexuais.						
2. A homossexualidade é uma perturbação psicológica.						
3. A legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo abala os princípios fundamentais da sociedade.						
4. A homossexualidade é uma forma inferior de sexualidade.						
5. Um programa escolar de educação sexual deveria referir-se a todas as orientações sexuais.						
6. A crescente aceitação da homossexualidade na nossa sociedade está a contribuir para a deterioração dos valores morais.						
7. Hesitaria em apoiar pessoas homossexuais com medo de ser confundido/a com elas.						
8. As pessoas que assumem a sua homossexualidade devem ser admiradas pela sua coragem.						
9. As lésbicas e os gays ainda precisam de lutar por direitos iguais.						
10. Celebrações como o “dia do orgulho gay” são ridículas porque assumem que a orientação sexual deve constituir um motivo de orgulho.						
11. Se realmente quisessem, as lésbicas e os gays poderiam ser heterossexuais.						
12. As lésbicas e os gays deveriam submeter-se a terapia para mudar a sua orientação sexual.						
13. Sinto que não se pode confiar numa pessoa que é homossexual.						
14. Quando ouço falar numa relação amorosa, parto do princípio de que são duas pessoas do sexo oposto.						
15. Vejo o movimento gay como algo de positivo.						

16. As frases que vai encontrar de seguida descrevem algumas atitudes face à homossexualidade masculina. Por favor, assinale em cada uma das frases o seu nível de discordância/concordância de acordo com a seguinte escala:

1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo muito; 3 – Discordo um pouco; 4 – Não discordo nem concordo; 5 – Concordo muito; 6 – Concordo totalmente.

	1	2	3	4	5	6
1. Os gays enervam-me.						
2. Se fosse pai ou mãe aceitaria se o meu filho fosse homossexual.						
3. Não me importo que uma empresa contrate uma figura pública abertamente gay para fazer publicidade aos seus produtos.						
4. No fundo, os homens homossexuais gostavam de ser mulheres.						
5. Sentir-me-ia desconfortável se soubesse que o professor do meu filho fosse gay.						
6. Os gays devem conter as suas demonstrações de afeto em locais públicos.						
7. Sentir-me-ia pouco à vontade se descobrisse que o meu médico não era heterossexual.						
8. É errado os homens homossexuais manifestarem afeto uns pelos outros à frente de crianças.						
9. Não tenho nada contra gays desde que não sejam muito femininos.						
10. Não me importaria de trabalhar com uma pessoa que fosse gay.						
11. Por favor, escolha "Discordo Muito" como opção de resposta.						
12. Os gays são homossexuais porque nunca encontraram a mulher certa.						
13. Se pudesse escolher, preferia que o meu filho não fosse homossexual.						
14. Se visse um rapaz maquilhado assumiria que era homossexual.						
15. Os homens que são homossexuais não tiveram uma educação adequada.						
16. Os homens homossexuais têm mais dificuldade em estabelecer relações amorosas duradouras.						
17. Nos casais gay, há sempre um que faz de “homem” e outro de “mulher”.						
18. Se um rapaz me dissesse que gostava de fazer ballet eu desconfiaria que esse rapaz era homossexual.						
19. Sentir-me-ia desconfortável se soubesse que o professor da minha filha fosse gay.						
20. Nas eleições, não votaria num candidato que fosse gay.						
21. Se visse dois homens de mão dada assumia, automaticamente, que eram homossexuais.						
22. Os homens homossexuais são mais promíscuos.						
23. Se o meu filho fosse homossexual preferia que não fosse efeminado.						

17. As frases que vai encontrar de seguida descrevem algumas atitudes face à homossexualidade feminina. Por favor, assinale em cada uma das frases o seu nível de discordância/concordância de acordo com a seguinte escala:

1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo muito; 3 – Discordo um pouco; 4 – Concordo um pouco; 5 – Concordo muito; 6 – Concordo totalmente.

1 2 3 4 5 6

1. Se fosse pai ou mãe aceitaria se a minha filha fosse homossexual.									
2. Não me importo que uma empresa contrate uma figura pública abertamente lésbica para fazer publicidade aos seus produtos.									
3. As lésbicas devem conter as suas demonstrações de afeto em locais públicos.									
4. É errado as mulheres lésbicas manifestarem afeto umas pelas outras à frente de crianças.									
5. Não tenho nada contra lésbicas, desde que não sejam muito masculinas.									
6. Não me importaria de trabalhar com uma pessoa que fosse lésbica.									
7. As lésbicas são homossexuais porque nunca encontraram o homem certo.									
8. Se pudesse escolher, preferia que a minha filha não fosse homossexual.									
9. Quando vejo mulheres vestidas de forma mais masculina do que homens, sinto-me desconfortável.									
10. As mulheres que são homossexuais não tiveram uma educação adequada.									
11. As lésbicas têm mais dificuldade em estabelecer relações amorosas duradouras.									
12. Nos casais de lésbicas há sempre uma que faz de “homem” e outra de “mulher”.									
13. As mulheres que praticam desportos mais violentos são, geralmente, lésbicas.									
14. Nas eleições, não votaria numa candidata que fosse lésbica.									
15. Incomodar-me-ia se visse duas mulheres a beijarem-se.									
16. Se a minha filha fosse lésbica pedia-lhe que não contasse nem à minha família nem aos/às meus/minhas amigos/as.									
17. Se visse duas mulheres de mão dada assumia, automaticamente, que eram lésbicas.									
18. As lésbicas são mais promíscuas.									
19. Se a minha filha fosse homossexual, preferia que não fosse muito masculina.									
20. As lésbicas são homossexuais porque perderam o respeito pelos valores morais da sociedade.									
21. As lésbicas devem restringir as suas demonstrações de afeto aos locais que lhes são destinados (discotecas e cafés gays).									